

Anton Tchekhov

As três irmãs

Drama em quatro atos

1900-1901

Personagens

PROZOROV, Andrei Serguêievitch
NATACHA (Natalia Ivanovna), *sua noiva, depois esposa*
OLGA Serguêievna,
MACHA (Maria Serguêievna),
IRINA Serguêievna, *irmãs de Andrei Serguêievitch*
KULIGUIN, Fiodor Ilitch, *professor de liceu, marido de Macha*
VERCHININ, Aleksander Ignatievitch, *tenente-coronel, comandante de artilharia*
TUZENBACH, Nikolai Lvovitch, *barão, primeiro tenente*
SOLIONII, Vasilii Vasílievitch, *capitão*
TCHEBUTIKIN, Ivan Romanitch, *médico militar*
FEDOTIK, Aleksei Petrovitch, *tenente*
RODE, Vladimir Karlovitch, *tenente*
FERAPONT, *velho contínuo da municipalidade*
ANFISSA, *velha babá, tem oitenta anos*

A ação se desenrola numa capital de província

Primeiro ato

Uma sala na casa dos Prozorov. Entre suas colunas se divisa a sala de jantar. É um meio-dia ensolarado e alegre. Na sala de jantar estão pondo a mesa para o almoço.

Olga, vestindo o uniforme azul das professoras de liceu, corrige, sentada ou andando, os cadernos de suas alunas. Macha, de vestido negro, está sentada com o chapéu sobre os joelhos e lê um livro. Irina, de roupa branca, está de pé junto à janela, imersa em pensamentos.

- 1 OLGA – Hoje faz um ano exato que morreu nosso pai, dia 5 de maio, dia da sua santa, Irina. Fazia muito frio e nevava. Eu pensava que não iria sobreviver, e você, desmaiada, estava estendida aqui no chão como um cadáver. Porém desde então se passou um ano, e já podemos recordá-lo de coração leve, você já se veste de branco e tem o rosto iluminado. *(O relógio bate doze horas.)* Também então o relógio bateu. *(Pausa.)* Lembro-me, quando levaram nosso pai tocava uma banda militar e no cemitério disparou-se uma salva de tiros. Ele era um general, um general de brigada, e mesmo assim havia pouca gente. Talvez por causa da chuva. Chovia forte e também nevava.

- 2 IRINA – Para que pensar nisso?

Atrás das colunas, na sala de jantar, aparecem junto à mesa o barão Tuzenbach, Tchebutikin e Solionii.

- 3 OLGA – Hoje faz calor, as janelas estão abertas, mas ainda não apareceram os brotos nas bétulas. Faz onze anos que nosso pai recebeu a sua brigada e nós deixamos Moscou, mas eu me recordo perfeitamente. Nesta época, começo de maio, em Moscou já está tudo florido, faz calor, os raios de sol inundam toda a cidade. Passaram-se onze anos, mas me recordo de tudo, tintim por tintim, como se tivéssemos deixado Moscou ontem. Meu Deus! Quando acordei hoje de manhã e vi toda esta luz, a primavera, meu coração se encheu de alegria e desejei ardentemente estar em minha cidade natal.

- 4 TCHEBUTIKIN – Que nada!

- 5 TUZENBACH – Claro, que bobagem!

Macha, pensativa, a cabeça inclinada sobre o livro, assobia suavemente uma canção.

- 6 OLGA – Não assobie, Macha. Como pode fazer isso? *(Pausa.)* Desde que vou ao liceu todos os dias e à noite dou aulas particulares, tenho constantes dores de cabeça e fico pensando que já estou velha. E de fato, nesses quatro anos de liceu sinto minha juventude e minhas forças escapando-me dia a dia, gota a gota. E anseio cada vez mais e mais...

- 7 IRINA – Que mudemos para Moscou! Vendamos a casa, deixemos tudo e partamos para Moscou!

- 8 OLGA – O quanto antes!

Tchebutikin e Tuzenbach riem.

- 9 IRINA – Nosso irmão seguramente se tornará professor universitário, então não irá ficar mesmo aqui. Só a pobre Macha vai continuar aqui.
- 10 OLGA – Macha nos visitará todos os anos para passar o verão em Moscou.
Macha assobia suavemente uma canção.
- 11 IRINA – Tudo se ajeitará, se Deus quiser. (*Olha pela janela.*) Que beleza de dia! Não sei por que brilha tanta luz no meu coração. Quando lembrei hoje pela manhã que era o dia de minha santa, fiquei feliz de repente e recordei a infância, quando mamãe ainda vivia... Ai, os pensamentos maravilhosos que me invadiram!
- 12 OLGA – Hoje você está radiante e belíssima. Macha também está belíssima. Andrei também seria garboso, mas engordou muito e isso não lhe fica bem. Eu porém envelheci um bocado e emagreci, decerto por causa das discussões com as alunas. Hoje, por exemplo, que é o meu dia de folga, estou aqui e a cabeça não dói, sinto-me mais jovem que ontem. Estou com vinte e oito anos, mas... Está tudo bem, tudo é a vontade de Deus, mas sabe-se lá, se me casasse e passasse o dia em casa seria melhor. (*Pausa.*) Eu amaria o meu marido...
- 13 TUZENBACH (*a Solionii*) – O senhor diz tanta bobagem que nem vale a pena escutá-lo. (*Entra na sala.*) Esqueci de avisar-lhes que Verchinin, o novo comandante de artilharia, virá fazer-lhes uma visita hoje. (*Senta-se diante do piano.*)
- 14 OLGA – Estamos encantadas.
- 15 IRINA – Ele é velho?
- 16 TUZENBACH – Não muito. Anda no máximo pela casa dos quarenta, quarenta e cinco. (*Toca piano suavemente.*) Parece ser um sujeito simpático. Que ele não é burro, isso é certo. Apenas fala muito.
- 17 IRINA – É um homem interessante?
- 18 TUZENBACH – Bem, é. Mas tem mulher e sogra e duas filhas pequenas. Convém também dizer que se casou pela segunda vez. Nas visitas, que aliás faz amiúde, conta a todos que tem mulher e duas filhas. Também aqui ele vai contar. A mulher parece ser um pouco desmiolada, usa longas tranças, como uma menina, se expressa com frases complicadas e muita filosofia, e freqüentemente tenta o suicídio, decerto para aborrecer o marido. Eu há muito já teria abandonado essa mulher, mas ele a agüenta e apenas se lamenta.
- 19 SOLIONII (*entra na sala na companhia de Tchebutikin*) – Com uma mão levanto só um *pud* e meio¹, mas com as duas chego a levantar cinco ou até seis *puds*. Sendo assim, concluo que dois homens têm não apenas o dobro de força de um, mas pelo menos o triplo.
- 20 TCHEBUTIKIN (*andando, lê um jornal*) Contra queda de cabelos... dissolver dois gramas de naftalina em meia garrafa de álcool... Friccionar todas as noites... (*Anota em sua caderneta.*) Tomaremos nota disso. (*A Solionii.*) Preste atenção. Empurramos a rolhinha no frasco. Um tubinho de vidro a atravessa. Depois, pegamos uma pitada do mais simples, do mais comum dos alumes...

¹ 27 quilos aproximadamente.

- 21 IRINA – Ivan Romanitch, caro Ivan Romanitch!
- 22 TCHEBUTIKIN – Que é, minha filhinha, minha alegria?
- 23 IRINA – Diga-me, por que estou tão feliz hoje? Como se navegasse num veleiro, acima da minha cabeça o distante céu azul, e grandes pássaros brancos circulando ao meu redor. Por que é assim? Por que?
- 24 TCHEBUTIKIN (*beijando-lhe as mãos, carinhosamente*) – Meu passarinho branco.
- 25 IRINA – Hoje, quando despertei, levantei-me e tomei banho, de súbito me pareceu que tudo no mundo estava tão claro e eu sabia como se deve viver. Querido Ivan Romanitch, seu sei tudo. O homem deve se esforçar, trabalhar com o suor do rosto, quem quer que seja, e só nisso reside o sentido e o objetivo da vida, a nossa felicidade e o nosso prazer. Como é bonita a vida do operário que se levanta de madrugada e quebra a pedra na estrada, ou do pastor ou do professor que ensina a criança, ou do maquinista na ferrovia... Meu Deus! Tem muito mais valor não apenas o homem que trabalha, mas o boi também, e o cavalo de carga, do que uma jovem casada que acorda ao meio-dia, tem seu café da manhã servido na cama, demora duas horas para se aprontar... Ai como isso é terrível! Só o calor do verão é capaz de nos deixar tão sedentos quanto a sede que eu tenho hoje de trabalhar. E se de agora em diante eu não levantar cedo e trabalhar, negue-me, Ivan Romanitch, a sua amizade!
- 26 TCHEBUTIKIN (*ternamente*) – Negarei. Negarei.
- 27 OLGA – Nosso pai nos acostumou a levantar às sete horas. Agora Irina acorda às sete horas, mas permanece na cama até as nove, pelo menos, pensando sem parar em não sei o quê. E com uma cara tão séria! (*Ri.*)
- 28 IRINA – Você está acostumada a me considerar uma menina e agora estranha se o meu rosto está sério. Tenho vinte anos!
- 29 TUZENBACH – Eu compreendo – e como! – que as pessoas desejem trabalhar. Em toda a minha vida nunca trabalhei. Nasci na fria e indolente São Petersburgo, numa família que nunca soube o que era trabalhar e nunca conheceu privações. Recordo-me, quando voltei para casa depois da academia militar, era o laçao quem me tirava as botas; naquela época eu era cheio de caprichos, porém a minha mãe me olhava maravilhada e ficava admirada se os outros não me vissem do mesmo modo. Preservaram-me do trabalho. Porém, não conseguiram me afastar dele por completo. É chegada a hora, já se aproxima, uma imensa e saudável tempestade está por vir, já está a caminho, daqui a pouco chegará aqui e afugentará da nossa sociedade a indolência, a indiferença, o preconceito contra o trabalho, o tédio putrefato. Trabalharei. Daqui a vinte e cinco ou trinta anos todos os homens trabalharão. Todos!
- 30 TCHEBUTIKIN – Eu não trabalharei.
- 31 TUZENBACH – O senhor não conta.
- 32 SOLIONII – Daqui a vinte e cinco anos o senhor já não estará mais entre os vivos, graças a Deus. Dentro de dois ou três anos terá um derrame e morrerá. Ou num dia em que eu estiver de mau humor simplesmente darei um tiro na sua cabeça, meu anjo. (*Tira do bolso um frasco de perfume e o borrija no peito e nas mãos.*)

- 33 TCHEBUTIKIN (*ri*) – De fato, nunca na vida fiz nada. Desde que terminei a faculdade não movi mais um só dedo, não li um único livro, apenas o jornal. (*Tira do bolso outro jornal.*) Eis um... Pelos jornais sei, por exemplo, que existiu um tal Dobroliubov, mas o que ele escreveu, isso já não sei. Só Deus sabe! (*Ouvem-se golpes no assoalho, vindos do andar de baixo.*) Ah, estão me chamando em baixo, alguém veio me ver. Volto logo, adeus. (*Retira-se apressado, cofiando a barba.*)
- 34 IRINA – Está tramando algo.
- 35 TUZENBACH – Sim. Tinha uma cara muito solene ao sair, decerto voltará com um presente para a senhora.
- 36 IRINA – Ai, que desagradável.
- 37 OLGA – Sim, é terrível. Sempre está as voltas com essas bobagens.
- 38 MACHA (*levanta-se e cantarola em voz suave*) – “Junto ao mar há um carvalho, uma corrente de ouro pende de seus galhos... uma corrente de ouro pende de seus galhos...”
- 39 OLGA – Macha, hoje você não está alegre.
(*Macha, sempre cantarolando, põe o chapéu.*)
- 40 OLGA – Aonde vai?
- 41 MACHA – Para casa.
- 42 IRINA – Que estranho.
- 43 TUZENBACH – Não vai ficar para o almoço festivo?
- 44 MACHA – Tanto faz... À noite dou um pulo aqui. Adeus querida. (*Beija Irina.*) Desejo-lhe, de novo, saúde e felicidade. Em outros tempos, quando nosso pai ainda vivia, nos dias de santo vinham sempre trinta ou quarenta oficiais nos visitar e faziam muita algazarra, um grande rebuliço. Hoje temos aqui apenas uma pessoa e meia e reina um silêncio sepulcral. Bem, vou indo. Hoje me sinto melancólica... estou de mau humor, não me dê atenção. (*Ri entre lágrimas.*) Depois conversaremos, mas agora adeus, minha querida, vou sair por aí...
- 45 IRINA (*contrariada*) – Ai, como você é...
- 46 OLGA (*entre lágrimas*) – Eu a compreendo, Macha.
- 47 SOLIONII – Quando um homem filosofa, faz filosofística, ou, digamos, sofística. Mas se uma – ou duas – mulheres filosofam... isso é, senhores, como se ladrassem à lua.
- 48 MACHA – Como o senhor é terrivelmente desagradável. O que quer dizer com isso?
- 49 SOLIONII – Nada... “Volta-se e estarecido só diz ‘ai’: era um urso que o seguia...”² (*Pausa.*)
- 50 MACHA (*a Olga, irritada*) – Não chore!
Entram Anfissa e Ferapont; este traz um bolo.

² Fábula de Krilov.

- 51 ANFISSA – Por aqui, por aqui, paizinho. Vá entrando, está com os pés limpos. *(A Irina.)*
Vem da prefeitura, da parte de Mikhail Ivanovitch Protopopov. É um bolo.
- 52 IRINA – Obrigada. Diga-lhe que agradeço. *(Apanha o bolo.)*
- 53 FERAPONT – O que disse?
- 54 IRINA *(em voz mais alta)* – Agradeça a ele!
- 55 OLGA – Babá, dê-lhe pastel. Vá, Ferapont vai ganhar pastel.
- 56 FERAPONT – O que disse?
- 57 ANFISSA – Vamos, Ferapont Spiridonitch, vamos! *(Ambos saem.)*
- 58 MACHA – Eu não gosto desse Protopopov, ou Mikhail Potapovitch, ou Ivanitch, ou sei lá o quê. Ele não deve ser convidado.
- 59 IRINA – E eu não o convidei.
- 60 MACHA – Então está bem.
Entra Tchebutikin, seguido por um soldado que carrega um samovar de prata. Ouvem-se exclamações de assombro e reprovação.
- 61 OLGA *(cobre o rosto com as mãos)* – Um samovar! É terrível! *(Entra na sala de jantar e se dirige à mesa.)*
- 62 IRINA – Querido, querido Ivan Romanitch, o que o senhor aprontou?
- 63 TUZENBACH *(ri)* – Não disse?
- 64 MACHA – O senhor não tem vergonha, Ivan Romanitch?
- 65 TCHEBUTIKIN – Minhas queridas, vocês são as únicas pessoas, as mais caras que eu tenho neste mundo. Em breve vou completar sessenta anos, sou um velho, um velho solitário e imprestável. Nada mais de bom resta dentro de mim, salvo o amor que lhes devoto. Se vocês não gostassem de mim, já há muito estaria morto. *(A Irina.)* Minha querida, minha filhinha. Conheço-a desde o dia em que nasceu, carreguei-a nos braços... e amava a sua falecida mãe.
- 66 IRINA – Mas para que esse presente caro?
- 67 TCHEBUTIKIN *(entre lágrimas, zangado)* – Presente caro, pare com isso! *(Ao soldado.)* Suma-se daqui com esse samovar. *(Imitando-a.)* Presente caro...
O soldado dirige-se com o samovar à sala de jantar.
- 68 ANFISSA *(atravessa a sala)* – Minhas flores, um coronel desconhecido está lá fora. Já tirou o capote e vem vindo. Irinuchka, seja amável e carinhosa com ele! *(Ao retirar-se.)* Puxa, já é hora de almoçar! Ai, meu Deus.
- 69 TUZENBACH – Deve ser Verchinin.
Entra Verchinin.
- 70 TUZENBACH – O tenente-coronel Verchinin.
- 71 VERCHININ *(a Macha e Irina)* – Tenho a honra de me apresentar: Verchinin. Muita, mas muita satisfação mesmo, em vê-las. Como cresceram!

- 72 IRINA – Sente-se, por favor, estamos encantadas.
- 73 VERCHININ (*em tom jovial*) – Estou muito contente. Mas as senhoras são três irmãs, não é mesmo? Recordo-me de três menininhas. Já não me lembrava mais dos rostos, mas sei que seu pai, o coronel Prozorov, tinha três filhinhas, disso me recordo perfeitamente, eu as vi com os meus próprios olhos. Como o tempo passa! Como o tempo passa!
- 74 TUZENBACH – Aleksander Ignatievitch é de Moscou.
- 75 IRINA – É de Moscou? O senhor é de Moscou?
- 76 VERCHININ – Sim, sou. O seu falecido pai era comandante de artilharia e eu servia como oficial na mesma brigada. (*A Macha.*) Agora me parece que me lembro do seu rosto.
- 77 MACHA – Eu não me lembro do seu.
- 78 IRINA – Olga! Olga! (*Grita em direção à sala de jantar.*) Olga, venha aqui!
(*Olga entra na sala, vinda da sala de jantar.*)
- 79 IRINA – Descobrimos que o tenente-coronel Verchinin é de Moscou.
- 80 VERCHININ – Então a senhora é Olga Serguêievna, a mais velha. E a senhora é Maria... e a senhora é Irina, a mais nova...
- 81 OLGA – O senhor é de Moscou?
- 82 VERCHININ – Sou. Estudei em Moscou e foi lá que entrei para o exército. Servi durante longo tempo em Moscou, por fim recebi o comando dessa artilharia e mudei-me para cá, como vêem. Na verdade me lembro pouco das senhoras, sei apenas que eram três irmãs. Mas a figura do seu pai ficou gravada na minha memória. Se fechar os olhos o vejo diante de mim, como se ele estivesse vivo. Eu os visitava em Moscou com frequência.
- 83 OLGA – E eu que pensava me recordar de todo o mundo, agora...
- 84 VERCHININ – Meu nome é Aleksander Ignatievitch.
- 85 IRINA – Então, Aleksander Ignatievitch, o senhor é de Moscou... Que surpresa!
- 86 OLGA – Nós pretendemos mudar para lá.
- 87 IRINA – Esperamos estar lá já no outono. É a nossa cidade natal. Nascemos lá. Na antiga Rua Basmannaia... (*Ambas riem de alegria.*)
- 88 MACHA – Encontramos por acaso um conterrâneo. (*Vivamente.*) Agora já sei. Olga, eu me recordo, dizia-se sempre em casa: “o major apaixonado”. O senhor era então primeiro tenente e estava apaixonado por alguém, e todos o chamavam assim, não sei por quê, talvez por brincadeira, o major apaixonado.
- 89 VERCHININ (*ri*) – Sim, sim. O major apaixonado. Isso mesmo!
- 90 MACHA – Naquele tempo o senhor usava só bigode. Ai, como envelheceu! (*Entre lágrimas.*) Como envelheceu!
- 91 VERCHININ – Sim, quando me chamavam de “major apaixonado” eu ainda era jovem, ainda me apaixonava. Hoje tudo mudou.

- 92 OLGA – Mas ainda não tem nenhum fio sequer de cabelo branco! Envelheceu, porém não é nenhum velho.
- 93 VERCHININ – De qualquer forma, vou completar quarenta e três anos... Deixaram Moscou há muito tempo?
- 94 IRINA – Há onze anos. Mas, por que você chora, Macha? Deixe de ser tola! (*Entre lágrimas.*) Ah, agora eu também estou começando a chorar.
- 95 MACHA – Não é nada. Morava em que rua?
- 96 VERCHININ – Na antiga Rua Basmannaia.
- 97 OLGA – Nós também!
- 98 VERCHININ – Durante algum tempo morei na Rua Niemetzkaia. Da rua Nietmezkaia costumava ir para o Quartel Vermelho. No caminho há uma ponte sombria, e sob ela se ouve o murmúrio das águas. Quem passar por lá sozinho se sentirá tomado de tristeza. (*Pausa.*) Mas que rio lindo, que rio magnífico, tem aqui! Que rio magnífico!
- 99 OLGA – Sim, porém é gelado. Aqui faz frio e tem muito mosquito.
- 100 VERCHININ – Não é bem assim. O clima daqui é o bom e saudável clima eslavo. Bosques, rio... e também bétulas. De todas as árvores a que mais gosto é a querida e recatada bétula. Viver aqui é uma verdadeira felicidade. Só estranho que a estação de trem fique a vinte verstas da cidade... E ninguém sabe por que razão
- 101 SOLIONII – Eu sei o porquê. (*Todos olham para ele.*) É que a estação ficasse perto, não estaria longe. E se está longe, então não pode estar perto
Mal estar geral, silêncio.
- 102 TUZENBACH – Vasili Vasilitch, o senhor é muito brincalhão.
- 103 OLGA – Já consigo me lembrar do senhor. É claro!
- 104 VERCHININ – Conheci a senhora sua mãe.
- 105 TCHEBUTIKIN – Era uma santa mulher, que Deus a tenha.
- 106 IRINA – Mamãe foi enterrada em Moscou.
- 107 OLGA – Sim, no cemitério Novodievitchie.
- 108 MACHA – Veja, já quase esqueci o rosto dela. Da mesma forma não recordarão os nossos tampouco. Acabarão se esquecendo de nós...
- 109 VERCHININ – Sim. Acabarão por nos esquecer. É o destino – nada se pode fazer contra ele. O que nos parecia sério, importante, de muito valor, com o tempo será esquecido e considerado sem importância. (*Pausa.*) E o mais interessante é que nem nós sabemos a que eles darão valor e importância e o que considerarão inútil e ridículo. Será que no começo não viam as descobertas de Copérnico ou de Colombo como inúteis de ridículas e consideravam verdadeiras revelações as escrevinhações de um tolo excêntrico qualquer? E também é possível que a vida que agora nos satisfaz venha a ser mais tarde julgada estranha, desconfortável, desprovida de razão, não suficientemente pura e talvez até pecaminosa.

110 TUZENBACH – Quem sabe? Mas é possível também que a nossa vida de agora seja qualificada de superior e se refiram a nós com respeito. Hoje não existem torturas, execuções e nem invasões de domicílio, apenas muito, muito sofrimento.

111 SOLIONII (*em voz de falsete*) – Tsip, tsip, tsip... O barão pode passar muito bem sem o mingau, contanto que possa filosofar.

112 TUZENBACH – Vasilii Vasilitch, me deixe em paz... (*Muda de assento.*) Já chega.

113 SOLIONII (*em voz de falsete*) – Tsip, tsip, tsip...

114 TUZENBACH (*a Verchinin*) – Os sofrimentos que vemos hoje em dia – e são tantos! – não deixam de demonstrar uma certa elevação moral já alcançada pela sociedade...

115 VERCHININ – Sim, sim, naturalmente.

116 TCHEBUTIKIN – Barão, o senhor disse agora mesmo que a nossa vida será considerada elevada um dia; porém os homens são pequenos... (*Levanta-se.*) Veja como eu sou pequeno. Se alguém disser que minha vida é elevada e tem sentido, isso me consolará.

De fora chega o som de um violino.

117 MACHA – É Andrei, nosso irmão, quem está tocando.

118 IRINA – Andrei é um sábio. Provavelmente será professor universitário. Seu pai era militar, mas o filho seguirá carreira científica.

119 MACHA – Conforme o desejo de papai.

120 OLGA – Hoje caçamos muito dele. Parece que está um tanto apaixonado.

121 IRINA – Por uma moça daqui. É possível que ela também apareça por aqui hoje.

122 MACHA – Ai, mas como ela se veste! Não apenas se veste mal, fora de moda, mas de um jeito simplesmente lastimável. Usa uma saia estranha, de um amarelo berrante, adornada com franjas vulgares e uma blusa vermelha. E o rosto, parece tê-lo esfregado, tão brilhante ele é! Andrei não está apaixonado por ela, não acredito nisso, ele tem bom gosto. Está apenas troçando da gente, fazendo pilhéria. Além do mais, ouvi dizer ontem que a moça vai se casar com Protopopov, presidente do conselho municipal. Seria ótimo se assim fosse. (*Fala voltada para a porta lateral.*) Andrei, venha cá. Só por um momento.

Entra Andrei.

123 OLGA – Meu irmão, Andrei Serguêievitch.

124 VERCHININ – Verchinin.

125 ANDREI (*enxugando o rosto acalorado*) – Prozorov. O senhor foi designado para cá, não é mesmo? É o novo comandante de artilharia?

126 OLGA – Imagine, Aleksander Ignatievitch é de Moscou.

127 ANDREI – É mesmo? Bem, nesse caso o congratulo, minhas irmãs não o deixarão em paz.

128 VERCHININ – Já tive o prazer de aborrecê-las com as minhas recordações.

- 129 IRINA – Veja a moldura de retrato que ganhei hoje de Andrei. (*Mostra a moldura.*) Ele mesmo a fez.
- 130 VERCHININ (*olha a moldura sem saber o que dizer*) – Sim... é resistente...
- 131 IRINA – E a moldura que está pendurada na parede acima do piano também foi ele que fez.
- 132 Andrei faz um gesto com a mão e se afasta do grupo.
- 133 OLGA – Andrei é o nosso sábio, toca violino, faz umas coisinhas de madeira, em suma, tem talento para tudo. Andrei, não vá. Ele tem o hábito de se afastar. Venha cá! (*Rindo, Macha e Irina pegam Andrei pelo braço e obrigam-no a voltar.*)
- 134 MACHA – Venha, venha!
- 135 ANDREI – Ora, me deixem!
- 136 MACHA – Que sujeito engraçado! Em outros tempos Aleksander Ignatievitch tinha o apelido de major apaixonado e isso não o deixava nem um pouco ressentido.
- 137 VERCHININ – Nem um pouco!
- 138 MACHA – E sabe o que você é? Você é o violinista apaixonado!
- 139 IRINA – Ou então o professor apaixonado!
- 140 OLGA – Está apaixonado! Andriuchka está apaixonado!
- 141 IRINA (*bate palmas*) – Viva, viva! Andriuchka está apaixonado!
- 142 TCHEBUTIKIN (*aproxima-se de Andrei por trás e abraça-lhe a cintura com ambas as mãos.*) “Só para o amor a natureza nos criou!” (*Ri às gargalhadas; sempre com o jornal na mão.*)
- 143 ANDREI – Bem, já chega, já chega... (*Enxugando o rosto.*) Não preguei o olho a noite toda e agora estou um pouco tonto. Fiquei lendo até as quatro e depois fui para a cama, mas não consegui fechar os olhos. Pensava nisso e naquilo, até que chegou o solzinho da manhã e invadiu o quarto todo. Durante o verão, enquanto estiver aqui, pretendo traduzir um livro do inglês.
- 144 VERCHININ – O senhor sabe inglês?
- 145 ANDREI – Sim; nosso pai, que Deus o tenha, praticamente nos martirizava com a educação. É ridículo, uma bobagem, mas devo dizer-lhe que depois da morte dele comecei de repente a ganhar peso, e em um ano engordei muitíssimo, como se o meu corpo tivesse se libertado de uma grande pressão. Graças a nosso pai, eu e minhas irmãs sabemos francês, alemão e inglês, e Irina até italiano. Mas quanto não nos custou isso!
- 146 MACHA – Saber três línguas nesta cidade é um luxo desnecessário. É até mais que um luxo: é simplesmente uma coisa inútil, como um sexto dedo. Sabemos muita coisa desnecessária.
- 147 VERCHININ – Que nada. (*Ri.*) “Sabemos muita coisa desnecessária.” Sou de opinião que não pode existir cidade, por mais enfadonha e triste, onde uma pessoa inteligente e instruída seja desnecessária. Admitamos que entre os cem mil habitantes desta cidade, sem dúvida atrasada e grosseira, existam apenas três que se assemelhem aos senhores.

Naturalmente os senhores não serão capazes de conquistar a massa insensível; aos poucos terão de ceder e se perderão no meio da multidão de cem mil pessoas. A vida os afogará, porém os senhores não desaparecerão por completo, sem deixar vestígio. Mais tarde, depois do seu desaparecimento, já haverá seis pessoas como os senhores, depois doze, e assim por diante, até que por fim as pessoas da sua espécie constituirão a maioria. Em dois ou três séculos a vida na terra será incrivelmente bela. Essa é a vida de que o homem necessita e se por ora ainda não existem devemos pressenti-la, esperá-la, sonhar com ela, preparar-nos para ela. Por isso devemos ver e saber mais do que viam e sabiam nossos pais e avôs. *(Ri.)* E os senhores se queixam de que sabem muita coisa desnecessária!

148 MACHA *(tirando o chapéu)* – Vou ficar para o almoço.

149 IRINA *(suspira)* – Devíamos tomar nota de cada palavra sua.

Entrementes Andrei deixou a sala sem ser notado.

150 TUZENBACH – O senhor diz que a vida na terra, ao cabo de muitos anos, será assombrosamente bela. Certo. Mas, para participarmos dela desde já, mesmo à distância, devemos nos preparar e temos de trabalhar...

151 VERCHININ *(levantando-se)* – Sim. Olhe só, quantas flores têm aqui! *(Esquadrinha a sala.)* E que casa magnífica! Eu os invejo. Passei a vida toda em apartamentos apertados. Duas cadeiras, um divã e um fogão sempre soltando fumaça. Eram essas flores que faltavam na minha vida. *(Esfrega as mãos.)* Mas enfim, para que falar nisso?

152 TUZENBACH – Sim, é preciso trabalhar. O senhor de certo pensará: um alemão sentimental. Mas dou-lhe a palavra, sou russo e nem sequer entendo alemão. Meu pai era cristão ortodoxo...

Pausa

153 VERCHININ *(andando de um lado para outro)* – Muitas vezes penso: se pudéssemos começar a vida de novo e o fizéssemos de modo consciente? Se a vida cumprida fosse uma espécie de rascunho e a outra – a nova – o texto passado a limpo? Imagino então que todos nós nos esforçaríamos, antes de mais nada, para não nos repetirmos. Criaríamos outras condições de vida, providenciaríamos uma casa florida como esta, luminosa... Tenho esposa e duas meninas; minha esposa é uma mulher doente, etc., etc. Mas se pudesse recomeçar a vida, não me casaria. De modo algum.

Entra Kuliguin, trajando uniforme de gala.

154 KULIGUIN *(aproximando-se de Irina)* – Querida cunhada, permita-me manifestar as minhas felicitações no dia de sua santa e desejar-lhe, de todo o coração, sinceramente, boa saúde e tudo o que de bom se pode desejar a uma moça de sua idade. E entregar-lhe este livro, de presente. *(Entrega-lhe o livro.)* É a história do nosso liceu, escrita por mim e cobrindo os cinquenta anos de sua existência. É um trabalho insignificante, escrito nas horas vagas, mas mesmo assim você deve lê-lo. Meus respeitos, senhores. *(A Verchinin.)* Kuliguin, professor de liceu e conselheiro. *(A Irina.)* Este livro contém

a lista de todos os alunos que freqüentam a nossa instituição nos últimos cinquenta anos. *Feci, quod potui, faciant meliora potentes.*³ (*Beija Macha.*)

- 155 IRINA – Mas na Páscoa você já me presenteou um igual.
- 156 KULIGUIN (*ri*) – Então me devolva, ou dê-o ao coronel. Tome-o coronel. Talvez o leia num dia em que não tiver nada melhor para fazer.
- 157 VERCHININ – Muito obrigado. (*Faz menção de se retirar.*) Foi um grande prazer conhecê-los.
- 158 OLGA – Já vai? Nada disso!
- 159 IRINA – O senhor vai ficar para o almoço. Por favor!
- 160 OLGA – Eu também lhe peço que fique.
- 161 VERCHININ (*inclina-se*) – Parece que cheguei no meio de uma festa familiar. Perdoem-me, mas não sabia, e ainda não dei os meus parabéns. (*Dirige-se com Olga à sala de jantar.*)
- 162 KULIGUIN – Hoje, senhores, é domingo, dia de descanso. Descansemos pois, nós também, e vamos nos divertir, cada um conforme sua idade e posição social. No verão os tapetes devem ser retirados e guardados até o inverno... Com inseticida ou naftalina. Os romanos eram um povo saudável, pois sabiam tanto trabalhar quanto descansar, não era à toa que propalavam: *Mens sana in corpore sano*. Sua vida decorria dentro de determinadas formas. Nosso diretor diz: o mais importante na vida é a sua forma... O que perde a sua forma acaba. E assim ocorre também no nosso dia-a-dia. (*Abraça Macha e ri.*) Macha me ama. A minha mulher me ama. E as cortinas devem ser retiradas, junto com os tapetes... Hoje estou muito alegre, de excelente humor. Macha, hoje às quatro da tarde iremos à casa do senhor diretor. Estão organizando um pequeno passeio para os membros do corpo docente e seus familiares.
- 163 MACHA – Não vou.
- 164 KULIGUIN (*triste*) – Mas por que não, Macha querida?
- 165 MACHA – Eu vou lhe dizer. (*Enraivecida.*) Está bem, eu vou, mas me deixe em paz, me deixe em paz, por favor. (*Afasta-se.*)
- 166 KULIGUIN – Depois passaremos o resto da tarde na casa do senhor diretor. O senhor diretor, apesar da saúde abalada, esforça-se por levar uma vida social. É uma pessoa brilhante, superior. Um homem magnífico. Ontem, após a conferência, ele me disse: “Estou cansado, Fiodor Ilitch! Cansado!” (*Olha o relógio da parede, depois o seu relógio de bolso.*) O relógio de vocês está sete minutos adiantado. Sim, ele disse: “Estou cansado”.
- De fora chega o som de um violino.*
- 167 OLGA – Tenham a bondade, senhores, o almoço está servido! Haverá pastel também!

³ Fiz como pude, faça melhor quem souber.

- 168 KULIGUIN – Ai, Olga querida! Ontem trabalhei desde de manhã até as onze da noite, estava muito cansado, mas hoje me sinto tão feliz! *(Passa à sala de jantar e dirige-se à mesa.)* Olga, querida...
- 169 TCHEBUTIKIN *(guarda o jornal no bolso e cofia a barba)* – Pastel? Isso sim é que é vida!
- 170 MACHA *(a Tchebutikin, em tom severo)* – Vou lhe avisando: hoje o senhor não vai beber. Entendeu? A bebida lhe faz mal.
- 171 TCHEBUTIKIN – Que nada! Isso já passou. Não bebo há dois anos. *(Impaciente.)* Mas tanto faz se eu bebo ou deixo de beber.
- 172 MACHA – Mesmo assim, não se atreva a beber. Não se atreva. *(Irritada, mas tomando cuidado para que o marido não a ouça.)* Diabos, lá vamos nós outra vez passar a tarde nos aborrecendo na casa do diretor!
- 173 TUZENBACH – Em seu lugar eu simplesmente não iria.
- 174 TCHEBUTIKIN – Não vá.
- 175 MACHA – Não vá, não vá... Vida maldita. Insuportável... *(Dirige-se à sala de jantar.)*
- 176 TCHEBUTIKIN *(dirigindo-se também à sala de jantar)* – Portanto...
- 177 SOLIONII *(dirigindo-se também à sala de jantar)* – Tsip, tsip, tsip.
- 178 TUZENBACH – Basta, Vasilii Vasilitch. Basta!
- 179 SOLIONII – Tsip, tsip, tsip.
- 180 KULIGUIN *(alegremente)* – À sua saúde, coronel! Sou um pedagogo, faço parte desta família; sou o marido de Macha. Macha é uma ótima criatura.
- 181 VERCHININ – Experimentemos esta vodca escura. *(Bebe.)* À sua saúde! *(A Olga.)* Sinto-me tão bem em sua casa!
- Apenas Irina e Tuzenbach permanecem na sala.*
- 182 IRINA – Macha está de mau humor hoje. Casou-se com ele aos dezoito anos, quando ainda acreditava que o marido fosse o homem mais inteligente deste mundo. E agora mudou de opinião a seu respeito. É o melhor dos homens, porém não o mais inteligente.
- 183 OLGA *(impaciente)* – Andrei, venha logo!
- 184 ANDREI – Agora mesmo. *(Entra e dirige-se à mesa.)*
- 185 TUZENBACH – Em que está pensando?
- 186 IRINA – Eu? Não gosto do seu amigo, desse Solionii, tenho medo dele. Só diz bobagens...
- 187 TUZENBACH – É um homem estranho. Tenho pena dele e também raiva, mas sobretudo pena. Acho que é muito tímido... Quando estamos sozinhos ele costuma ser bastante inteligente e agradável, mas nas reuniões torna-se um sujeito grosseiro e provocador. Espere mais um pouco até todos se acomodarem em torno da mesa. Deixe-me estar ao seu lado. Em que pensa? *(Pausa.)* Tem vinte anos e eu pouco menos de trinta. Quantos anos ainda temos pela frente, quantos e quantos dias, todos eles iluminados pelos raios do amor...

- 188 IRINA – Nikolai Lvovitch, não fale da amor.
- 189 TUZENBACH (*não lhe presta atenção*) – Estou sedento de vida, de luta, de trabalho... E em minha alma essa sede se une ao amor que sinto pela senhora, Irina... A senhora é tão maravilhosa e a vida também me parece tão maravilhosa... Em que está pensando?
- 190 IRINA – O senhor disse que a vida é maravilhosa. Sim, mas se apenas *parece* maravilhosa?! Para nós três a vida ainda não foi maravilhosa. Cobriu-nos como a erva daninha... Estou derramando lágrimas... Em vão... (*Rapidamente enxuga o rosto e sorri.*) Devemos trabalhar, trabalhar. Estamos tristes e temos uma visão tão sombria da vida porque não conhecemos o trabalho. Descendemos de pessoas que desprezavam o trabalho.
- Entra Natalia Ivanovna; está trajando um vestido cor-de-rosa com cinto verde.*
- 191 NATACHA – Ah, já estão sentados à mesa. Cheguei atrasada. (*De relance olha-se no espelho e ajeita o cabelo.*) O penteado parece que não está mal... (*Nota a presença de Irina.*) Irina Serguêievna, querida, meus parabéns. (*Beija-a forte e longamente.*) Ai, estão com tantas visitas, fico embaraçada... Bom dia, barão.
- 192 OLGA (*entra na sala*) – Ah, chegou Natalia Ivanovna também. Seja bem-vinda, querida. (*Trocamos beijos.*)
- 193 NATACHA – A reunião hoje está muito concorrida, fico acanhada...
- 194 OLGA – Ora, todo mundo aqui é de casa. (*A meia-voz, assustada.*) Meu Deus, está usando cinto verde? Querida, isso é simplesmente impossível!
- 195 NATACHA – Por acaso significa algo ruim?
- 196 OLGA – Não, não, apenas lhe vai terrivelmente mal. Como se...
- 197 NATACHA (*chorosa*) – É mesmo? Mas quase nem é verde, de tão pálido. (*Segue Olga à sala de jantar.*)
- Todos tomam assento em torno da mesa; não restou ninguém na sala.*
- 198 KULIGUIN – Desejo-lhe, Irina, um bom noivo, já é hora de você se casar também.
- 199 TCHEBUTIKIN – Natalia Ivanovna, à senhora também desejo um bom noivo.
- 200 KULIGUIN – Natalia Ivanovna já tem noivo.
- 201 MACHA (*dando batidinhas no prato com o garfo*) – Vou tomar um cálice de vinho! Eta vida boa... mas o que se pode fazer!
- 202 KULIGUIN – Macha, seu comportamento ficou entre regular e mau.
- 203 VERCHININ – Mas o licor está ótimo! De que é feito?
- 204 SOLIONII – De baratas.
- 205 IRINA (*com voz chorosa*) – Hum, que nojo!
- 206 OLGA – À noite teremos peru assado e torta de maçã. Graças a Deus hoje vou passar o dia em casa, e a noite também... Senhores, honrem-nos com a sua presença também à noite.

- 207 VERCHININ – Permita-me também voltar à noite!
- 208 IRINA – Será um prazer.
- 209 NATACHA – Aqui não há cerimônias.
- 210 TCHEBUTIKIN – “Só para o amor a natureza nos criou!” *(Ri.)*
- 211 ANDREI *(zangado)* – Parem com isso! Ainda não se cansaram?
- Entram Fedotik e Rode carregando uma grande cesta de flores.*
- 212 FEDOTIK – Chegamos atrasados, já estão almoçando.
- 213 RODE *(fala alto e força os erres)* – Chegamos atrasados? Sim, já estão almoçando...
- 214 FEDOTIK – Perdão, um momento. *(Tira um retrato.)* Um, dois. Perdão, mais um momento! *(Tira outro retrato.)* Um, dois. Pronto. *(Apanha a cesta e os dois entram na sala de jantar, onde são recebidos efusivamente.)*
- 215 RODE *(em voz alta)* – Meus parabéns e os melhores votos! Hoje o dia está magnífico, verdadeiramente maravilhoso. Passei a manhã toda com os alunos. Ensino ginástica no liceu.
- 216 FEDOTIK – Irina Serguêievna, pode mover-se sem receio. *(Tira novos retratos.)* A senhora está muito bem hoje. *(Saca do bolso uma piorra.)* Aliás, eis uma piorra. Tem um som divino.
- 217 IRINA – Que maravilha!
- 218 MACHA – “Junto ao mar há um carvalho; uma corrente de ouro pende de seus galhos... uma corrente de ouro pende de seus galhos...” *(Em tom de lamúria.)* Ai, por que estou repetindo isso? Desde de manhã esses versos não me saem da cabeça.
- 219 KULIGUIN – Ôpa, somos treze à mesa!
- 220 RODE *(em voz alta)* – Senhores, não me digam que atribuem importância a essa superstição.
- Gargalhadas.*
- 221 KULIGUIN – Se houver treze pessoas à mesa isso significa que um de nós está apaixonado. Ivan Ivanitch, não será o senhor?
- Gargalhadas*
- 222 TCHEBUTIKIN – Eu já sou um velho pecador, mas por que razão Natalia Ivanovna corou, isso é que eu não entendo.
- Risadas estrepitosas. Natacha sai aos atropelos da sala de jantar, parando na sala. Andrei a segue.*
- 223 ANDREI – Peço-lhe penhoradamente, não lhes dê atenção! Espere, pare, por favor.
- 224 NATACHA – Que vergonha... Não sei o que se passa comigo. E eles ficam rindo de mim. Não devia ter saído da mesa desse jeito; foi uma falta de educação, eu sei, mas não agüento. *(Esconde o rosto na palma da mão.)*
- 225 ANDREI – Querida, peço-lhe, suplico-lhe que não se aborreça! Asseguro-lhe que eles estavam só brincando, são bem-intencionados. Minha querida, minha cara, todos eles

são pessoas boas e decentes. Amam muito a mim e também à senhora. Venha até aqui na janela, aqui eles não nos vêem... *(Olha ao redor.)*

226 NATACHA – Não estou acostumada a essas reuniões sociais.

227 ANDREI – Oh, mocidade, bela e maravilhosa mocidade! Minha querida, não se aborreça! Acredite em mim, confie em mim. Estou tão feliz, o meu coração transborda de amor... Oh, aqui não nos vêem! Por que passei a amá-la tanto... quando isso aconteceu? Não sei... Minha querida, boa e pura menina, seja a minha esposa. Eu a amo, eu a amo... como nunca, nunca amei ninguém... *(Beija-a.)*

Entram dois oficiais que, ao ver o par se beijando, se detém admirados.

Cortina.

Segundo ato

O mesmo cenário do primeiro ato.

São oito horas da noite. Da rua chega um som distante de um acordeão. Está escuro. Entra Natalia Ivanovna de roupão, segurando uma vela acesa; pára junto à porta que dá para o quarto de Andrei.

- 228 NATACHA – O que você está fazendo, Andriucha? Está lendo? Não é nada, é que...
(continua andando, abre uma porta, depois a fecha) queria ver se não ficou alguma luz acesa.
- 229 ANDREI *(entra com um livro na mão)* – Que é, Natacha?
- 230 NATACHA – Estou verificando se apagaram todas as velas... É carnaval e os criados estão muito agitados, todo cuidado é pouco. Ontem à meia-noite entrei na sala de jantar e havia uma vela acesa. E não há como saber quem a acendeu. *(Deposita a vela.)* Que horas são?
- 231 ANDREI *(olha o relógio)* – São oito e quinze.
- 232 NATACHA – Olga e Irina ainda não chegaram. Como trabalham, as coitadas! Olga está na reunião do conselho pedagógico e Irina no telégrafo. *(Suspira.)* Hoje pela manhã disse à sua irmã: “Cuide-se, Irina, querida”. Mas ela nem me ouve. Então, são oito e quinze? Receio que Bobik esteja doente. Por que o seu corpinho está tão frio? Ontem teve febre e hoje está gelado... Isso me deixa tão angustiada!
- 233 ANDREI – Não é nada, Natacha... O bebê está bem de saúde.
- 234 NATACHA – De qualquer forma é melhor seguir a dieta. Estou com medo. Disseram que hoje às dez da noite os mascarados vêm aqui; seria melhor que não viessem, Andriuchka.
- 235 ANDREI – Bem, não sei. Na verdade eles foram convidados.
- 236 NATACHA – Quando acordou hoje de manhã o bebê olhou para mim e de repente sorriu; ou seja, ele me reconheceu. “Oi Bobik”, digo, “Oi, Bobik! Oi querido!” E ele sorri. Essas crianças compreendem tudo. Então, Andriuchka, vou avisá-los para não deixar entrar os mascarados.
- 237 ANDREI *(indeciso)* – Deixe isso para as minhas irmãs resolverem, elas são as donas da casa.
- 238 NATACHA – Elas fariam o mesmo – mas vou falar com elas. São tão boas!... *(Saindo.)* Encomendei coalhada para a noite. O médico disse para você tomar coalhada, de outro modo nunca emagrecerá. *(Pára.)* Bobik está muito frio. Temo que o quarto dele seja muito frio. Seria bom mudá-lo de quarto, enquanto não chega o calor. O quarto de Irina, por exemplo, seria perfeito para o bebê: é seco e o sol bate lá o dia inteiro. Teria de dizer a Irina para ficar no mesmo quarto com Olga. Ela passa mesmo o dia inteiro fora, seria só para a noite. *(Pausa.)* Andriucha, por que está calado?
- 239 ANDREI – Estava pensando... além do mais, o que eu poderia dizer?

- 240 NATACHA – Sim... Eu ia falar alguma coisa... Sim, está lá fora Ferapont, da prefeitura. Ele está à sua procura.
- 241 ANDREI (*boceja*) – Mande-o entrar.
- Natacha sai. Andrei se põe a ler à luz de vela o livro que Natacha esqueceu lá. Entra Ferapont; usa um capote velho e puído com a gola levantada; uma atadura lbe cobre a orelha.*
- 242 ANDREI – Seja bem-vindo, irmãozinho. Então, o que você me conta?
- 243 FERAPONT – O presidente do conselho lhe mandou este livro e também estes papéis. Aqui estão. (*Entrega-lhe o livro e os documentos.*)
- 244 ANDREI – Obrigado. Muito bem. Mas por que veio tão tarde? Já são quase nove horas.
- 245 FERAPONT – O que disse?
- 246 ANDREI (*mais alto*) – Disse que chegou tarde. Já são quase nove horas.
- 247 FERAPONT – Pois é. Quando cheguei o sol ainda estava no alto, mas não quiseram me deixar entrar. Disseram que o patrão estava ocupado. Bem, se estava ocupado, então estava ocupado. Eu não tenho pressa. (*Pensando que Andrei houvesse lhe perguntado algo.*) O que disse?
- 248 ANDREI – Nada. (*Olha o livro.*) Amanhã é sexta-feira, não temos sessão, mas darei um pulo lá, assim mesmo... tenho de resolver algo. Aqui em casa é muito aborrecido. (*Pausa.*) Vovô querido, como a vida se modifica, como ela nos engana! Hoje, de puro tédio, peguei este livro – são velhas aulas da faculdade – e desatei a rir. Meu Deus, sou secretário do conselho municipal, do conselho onde o chefe é Protopopov. Secretário, e no máximo posso chegar ao cargo de assessor! Ser assessor do conselho local, eu, que todas as noites em meus sonhos era professor da Universidade de Moscou, sábio famoso, orgulho de toda a Rússia.
- 249 FERAPONT – Quem?... Ouço mal.
- 250 ANDREI – Se não ouvisse mal, irmãozinho, eu não conversaria com você. Afinal de contas, tenho de conversar com alguém. Minha esposa não me entende, as minhas irmãs eu temo, não sei por que razão. Receio que elas riam de mim, que me envergonhem... Não bebo, não frequento tabernas; no entanto, meu querido velho, que alegria me daria estar agora em Moscou, no Testov ou no Grande Moscovita!
- 251 FERAPONT – Em Moscou, segundo me contou um mestre de obras, uns comerciantes resolveram comer panquecas e um deles teve morte súbita por ter comido quarenta panquecas. Quarenta ou cinquenta, já não sei ao certo.
- 252 ANDREI – Estar em Moscou sentado no salão principal do restaurante. Mesmo não conhecendo ninguém e tampouco ninguém o conhecendo, você não se sente um estranho... E aqui, mesmo sendo conhecido de todos e todos sendo seus conhecidos, você se sente um estranho... um estranho... Estranho e solitário.
- 253 FERAPONT – O que disse? (*Pausa.*) E aquele mestre de obras contou também – talvez estivesse mentindo – que em Moscou foi estendida uma grande corda sobre a cidade.
- 254 ANDREI – Para quê?
- 255 FERAPONT – Isso já não sei. Foi aquele mestre de obras que contou.

- 256 ANDREI – Besteira. *(Dá uma lidinha no livro.)* Então, você já esteve em Moscou?
- 257 FERAPONT *(não responde de imediato)* – Não. Deus ainda não quis me levar até lá. *(Pausa.)* Posso ir?
- 258 ANDREI – Pode. Deus o abençoe. *(Ferapont se põe a partir.)* Deus o abençoe. *(Lê.)* Amanhã de manhã você volta para buscar estes papéis. Pode ir. *(Pausa.)* Foi embora. *(Soa a campainha.)* Pois é, o caso é esse... *(Espreguiça-se e com passos lentos entra em seu quarto.)*
De detrás dos cenários chega o cantarolar da babá, embalando a criança. Entram Macha e Verchinin. Enquanto conversam, a criada acende a lamparina e as velas.
- 259 MACHA – Não sei. *(Pausa.)* Não sei. É claro que o hábito importa muito. Por exemplo, quando papai morreu, por muito tempo estranhámos não dispormos mais de ordenanças. Porém, hábito à parte, acho que faltou também senso de justiça. Talvez em outros lugares não seja assim, mas aqui as pessoas mais honradas, mais finas e mais bem-educadas são os militares.
- 260 VERCHININ – Estou com sede. Gostaria de um pouco de chá.
- 261 MACHA *(consulta o relógio)* – Logo vão servi-lo. Casei-me ao completar dezoito anos e tinha medo do meu marido porque ele era professor e eu acabara de terminar o curso no liceu. Naquele tempo eu o julgava terrivelmente culto, sábio e importante. Hoje é diferente, infelizmente.
- 262 VERCHININ – Sim, sim.
- 263 MACHA – Não me refiro ao meu marido, a ele já me acostumei, mas entre os civis em geral existe muita gente grosseira, desagradável e mal-educada. A grosseria me ataca os nervos e me ofende, sofro quando vejo que alguém não é suficientemente fino, suave e amável. Quando sou obrigada a estar na companhia de professores, colegas do meu marido, isso é um verdadeiro tormento para mim.
- 264 VERCHININ – Sim... A mim porém me parece que civis e militares são pessoas igualmente simples, pelo menos nesta cidade. São iguais. Seja civil ou militar, nas reuniões sociais só se ouve dizer: está tendo problemas com a mulher, está tendo problemas com a casa, está tendo problemas com o cavalo... Nós, russos, gostamos demais dos pensamentos elevados, mas, me diga, por que na vida real voamos tão baixo? Por que?
- 265 MACHA – Não sei.
- 266 VERCHININ – Por que o marido está tendo sempre algum problema com o filho e com a mulher? E a mulher e o filho, por que têm sempre algum problema com ele?
- 267 MACHA – O senhor está um tanto mal-humorado hoje.
- 268 VERCHININ – É possível. Não almocei hoje e estou sem comer desde de manhã. Minha filha não passa muito bem, e quando minhas filhas estão doentes fico inquieto... Tenho a consciência atormentada por elas terem a mãe que têm. Ai, se a tivesse visto hoje! E por causa de uma bobagem! Começamos a brigar às sete da manhã, às nove bati a porta e saí. *(Pausa.)* Nunca falo sobre isso e – estranho, não é? – só à senhora conto as minhas lamúrias. *(Beija-lhe a mão.)* Não me queira mal. Afora a senhora não tenho ninguém, ninguém...
Pausa.

- 269 MACHA – Que ruído é esse no fogão? Um pouco antes da morte de papai a chaminé fazia o mesmo ruído. Exatamente o mesmo.
- 270 VERCHININ – A senhora é supersticiosa?
- 271 MACHA – Sou, sim.
- 272 VERCHININ – Que estranho. *(Beija-lhe a mão.)* A senhora é uma mulher magnífica, maravilhosa. Magnífica, maravilhosa! Está escuro aqui, mas eu vejo o brilho dos seus olhos.
- 273 MACHA *(muda de cadeira)* – Aqui está mais claro...
- 274 VERCHININ – Eu a amo, eu a amo, eu a amo... Amo os seus olhos, os seus movimentos que me fazem sonhar... Mulher magnífica, maravilhosa!
- 275 MACHA *(rindo baixinho)* – Quando o ouço falar assim tenho vontade de rir, apesar de sentir medo... Não fale isso de novo, peço-lhe. *(à meia voz.)* Aliás, fale, para mim tanto faz... *(Esconde o rosto com as mãos.)* Para mim tanto faz... Vem gente, mude de assunto.
Entram Irina e Tuzenbach, vindos da sala de jantar.
- 276 TUZENBACH – Tenho um nome triplo: barão Tuzenbach-Krone-Altschauer, mas sou russo, e ortodoxo, como a senhora. De alemão me resta muito pouco, talvez a paciência e a teimosia com que a aborreço. Acompanho-a todas as noites.
- 277 IRINA – Como estou cansada!
- 278 TUZENBACH – E todo santo dia irei ao telégrafo e a acompanharei à sua casa, por dez, vinte anos, enquanto não me enxotar... *(Percebe a presença de Macha e de Verchinin; em tom alegre.)* Os senhores estão aqui? Boa noite!
- 279 IRINA – Por fim estou em casa. *(A Macha.)* Há pouco estive uma mulher na agência; telegrafou ao irmão em Saratov comunicando-lhe que o filho morreu. Mas não conseguia lembrar o endereço do irmão. Tivemos de remeter o telegrama sem o endereço, simplesmente a Saratov. A mulher chorava. E eu fui grosseira com ela, sem razão alguma. “Não tenho tempo” – disse-lhe. Foi muito embaraçoso. Hoje os mascarados vêm em casa?
- 280 MACHA – Sim.
- 281 IRINA *(sentando-se na poltrona)* – Deixem-me descansar um pouco. Estou fatigada.
- 282 TUZENBACH *(sorri)* – Quando volta da agência parece tão jovem, tão desamparada...
Pausa
- 283 IRINA – Estou cansada. Não, positivamente eu não gosto do telégrafo.
- 284 MACHA – Você emagreceu... *(Assobia baixinho.)* E está mais jovem. Parece um rapaz.
- 285 TUZENBACH – É o penteado.
- 286 IRINA – Tenho de procurar outro trabalho. Esse não me convém, não tem nada do que eu almejava fazer, do que eu sonhava. É um trabalho maçante e bobo.
(Ouvem-se batidas no assoalho.)
- 287 IRINA – O doutor está batendo. *(A Tuzenbach.)* Responda às batidas, por favor... Eu não posso... Estou cansada.
(Tuzenbach devolve as batidas no assoalho.)

288 IRINA – Logo ele vai subir. Temos de inventar uma forma de nos protegermos contra ele. Ontem o doutor e o nosso Andrei estiveram no clube e perderam de novo. Dizem que Andrei perdeu duzentos rublos.

289 MACHA (*indiferente*) – O que se há de fazer?

290 IRINA – Há duas semanas ele perdeu também, e em dezembro idem. Tomara que perca tudo logo, assim talvez possamos sair desta cidade. Meu Deus, sonho todas as noites com Moscou e fico transtornada. (*Ri.*) Em junho mudaremos para lá... e até junho... fevereiro, março, abril, maio... é quase meio ano!

Tchebutikin dormiu de tarde e acabou de acordar; entra na sala de jantar penteando a barba; depois se senta na mesa de jantar e tira um jornal do bolso.

291 MACHA – Ele já chegou... Pagou o aluguel?

292 IRINA (*ri*) – Não. Há oito meses não nos paga nem um copeque. Decerto esqueceu.

293 MACHA (*ri*) – Olhem como está todo importantão sentado ali.

Todos riem. Pausa.

294 IRINA – Por que está tão calado, Aleksander Ignatich?

295 VERCHININ – Não sei. Gostaria muito de um gole de chá. Meia vida por uma xicrinha de chá! Não como desde de manhã...

296 TCHEBUTIKIN – Irina Serguêievna!

297 IRINA – O que é?

298 TCHEBUTIKIN – Peço-lhe que venha aqui. *Venez ici.*

(Irina se levanta e vai sentar-se à mesa.)

299 TCHEBUTIKIN – Não agüento ficar sem a senhora.

Irina estende sobre a mesa as cartas para uma paciência.

300 VERCHININ – Já que não nos dão chá, ao menos filosofemos.

301 TUZENBACH – Vamos lá! Sobre o quê?

302 VERCHININ – Sobre o quê? Sonhemos... Por exemplo, sobre a vida, como ela será duzentos ou trezentos anos depois de nós.

303 TUZENBACH – E daí? Voarão em balões, a moda será outra, é possível que descubram um sexto sentido e o desenvolvam, mas a vida continuará a mesma: difícil, misteriosa e feliz. E passados mil anos o homem estará suspirando como agora: “Como é difícil viver!” – e ao mesmo tempo temerá a morte e não irá querer morrer, exatamente como agora.

304 VERCHININ (*pensativo*) – Como vou lhe dizer? Acho que aos poucos tudo na terra deve mudar, e já está mudando diante dos nossos olhos. Dentro de duzentos, trezentos ou talvez mil anos – a data não importa – surgirá uma vida nova e feliz. Nós, é claro, não participaremos dessa vida, mas é para ela que vivemos, por ela trabalhamos, sim, por ela sofreremos; somos nós os seus criadores – e essa é a única finalidade de nossa vida, e se assim quiser, a nossa felicidade.

Macha ri em voz alta.

305 TUZENBACH – O que há?

306 MACHA – Não sei, estou rindo à toa hoje.

307 VERCHININ – Temos a mesma escolaridade. Não cursei faculdade, leio muito, mas não sei selecionar minhas leituras e talvez nem leia exatamente aquilo de que precisaria, mas quanto mais vivo, mais quero saber. Meus cabelos estão ficando brancos, já sou quase um velho, mas sei pouco, ai como seu pouco! Porém a mim parece que o principal, o verdadeiro, eu conheço com certeza. E como gostaria de lhe demonstrar que para nós não existe felicidade e nem existirá... Nossa única missão é trabalhar, ininterruptamente, e a felicidade caberá só aos nossos descendentes remotos. *(Pausa.)* Se nós não podemos ser felizes, pelo menos que os nossos descendentes sejam.

Aparecem na sala de jantar Fedotik e Rode; sentam-se e cantam em voz baixa, acompanhando-se ao violão.

308 TUZENBACH – Na sua opinião não adianta nem sequer sonhar com a felicidade! Mas, se eu sou feliz!

309 VERCHININ – Não é possível.

310 TUZENBACH *(abre os braços e ri)* – Parece que não nos entendemos. Bem, como devo tentar convencê-lo?

Macha ri em voz baixa.

311 TUZENBACH *(ameaçando-a com o dedo)* – Pode rir! *(A Verchinin.)* Não apenas dentro de duzentos ou trezentos anos, mas daqui a um milhão de anos, a vida continuará sendo o que era. Ela não muda, permanece constante, sujeita a leis próprias, independentes de nós, ou pelo menos que não conheceremos jamais. Os pássaros migrantes, as cegonhas, por exemplo, voam e voam, e, sejam elevados ou mesquinhos os pensamentos que se agitam em sua cabeça, seguirão voando sem se importar com os filósofos que possam existir entre eles; e que filosofem quanto quiserem, desde que voem!

312 MACHA – Mas qual é o sentido disso?

313 TUZENBACH – Sentido... Veja, está nevando. Que sentido tem isso?

Pausa

314 MACHA – Acho que o homem deve ter fé ou deve buscá-la, senão a vida é vazia. Viver e não saber por que voam as cegonhas, por que nascem as crianças, para que existem estrelas no céu... Ou sabemos para que se vive ou então tudo não passa de tolice inútil.

Pausa.

315 VERCHININ – De qualquer modo, é pena que a juventude se tenha ido...

316 MACHA – Gogol diz em algum lugar: “É aborrecido viver neste mundo, senhores!”

317 TUZENBACH – E eu te digo: é difícil discutir com os senhores! Com os diabos...

318 TCHEBUTIKIN *(lendo um jornal)* – Balzac casou-se em Berdichev...

(Irina cantarola em voz baixa)

319 TCHEBUTIKIN – Anotarei em minha agenda. *(Anotando.)* Balzac casou-se em Berdichev. *(Volta a ler o jornal.)*

- 320 IRINA (*jogando paciência, pensativa*) – Balzac casou-se em, Berdichev.
- 321 TUZENBACH – A sorte está lançada. Sabe, Maria Serguêievna, entreguei meu pedido de passagem para a reserva.
- 322 MACHA – Já ouvi falar, e não vejo nada de bom nisso. Não gosto de civis.
- 323 TUZENBACH – Tanto faz... (*Levanta-se.*) Não sou bonito. Então, que soldado sou eu? Bem, aliás tanto faz... Trabalharei. Que pelo menos por um dia em minha vida trabalhe tanto que ao chegar em casa cansado me deite na cama e adormeça imediatamente. (*Passando para a sala.*) Os operários decerto dormem um sono profundo.
- 324 FEDOTIK (*a Irina*) – Comprei-lhe agora estes lápis de cor no Pijikov na Rua Moscou. E também esta faquinha...
- 325 IRINA – Acostumou-se a tratar-me como uma menina, mas já estou crescidinha... (*Apanha contente os lápis e a faquinha.*) Que beleza!
- 326 FEDOTIK – E para mim comprei um canivete. Veja, uma lâmina aqui, outra aqui e mais uma terceira aqui, isto é para coçar o ouvido, aqui uma tesourinha, e isto, um limpador de unhas.
- 327 RODE (*em voz alta*) – Doutor, o senhor está com quantos anos?
- 328 TCHEBUTIKIN – Eu? Trinta e dois. (*Ri.*)
- 329 FEDOTIK – Vou lhe ensinar agora outra paciência. (*Estende as cartas sobre a mesa.*)
Trazem o samovar; Anfissa cuida dele; um pouco depois entra Natacha e também se ocupa ao redor da mesa; entra Solionii, cumprimenta os presentes, senta-se à mesa.
- 330 VERCHININ – Como venta!
- 331 MACHA – Sim. Estou cansada do inverno. Já esqueci por completo como é o verão.
- 332 IRINA – A paciência vai dar certo, já estou vendo. Iremos para Moscou!
- 333 FEDOTIK – Não, não vai dar certo, veja, o oito está sobre o dois de espadas. (*Ri.*) Portanto não irão para Moscou.
- 334 TCHEBUTIKIN (*lê o jornal*) – Em Tzitzikar declarou-se uma epidemia de varíola.
- 335 ANFISSA (*a Macha*) – Venha tomar o chá. (*A Verchinin.*) Por favor, excelência... Me perdoe, irmãozinho, esqueci o seu nome por completo...
- 336 MACHA – Traga-me o chá, babá, eu não vou aí buscá-lo.
- 337 IRINA – Babá!
- 338 ANFISSA – Já vai!
- 339 NATACHA (*a Solionii*) – Os bebês compreendem tudo muito bem. “Oi, Bobik”, digo-lhe eu, “oi, queridinho.” E ele me olha de um jeito tão estranho. O senhor decerto pensa que é a opinião da mãe. Juro que não é. Ele é uma criança extraordinária!
- 340 SOLIONII – Se esse menino fosse meu colocava-o numa frigideira, fritava-o e comia. (*Com a xícara na mão, dirige-se à sala e lá se senta num canto.*)
- 341 NATACHA (*cobre o rosto com as mãos*) – Sujeito grosseiro e mal-educado!

- 342 MACHA – Feliz aquele que não percebe se é inverno ou verão. Acho que se estivéssemos em Moscou não me importaria com o tempo.
- 343 VERCHININ – Outro dia li o diário de um ministro francês, escrito na prisão. O ministro fora preso devido ao caso do Panamá. Com que entusiasmo e encantamento ele fala dos pássaros que observava da janela da prisão, os quais nem notava nos tempos de ministro. Naturalmente, agora que foi posto em liberdade, não notará mais os pássaros, do mesmo modo como não os notava antes. A senhora também não notará mais Moscou depois que passar a viver lá. Não desfrutamos a felicidade e nem somos capazes de desfrutá-la. Apenas a desejamos.
- 344 TUZENBACH (*tira uma caixa da mesa*) – Onde estão as balas?
- 345 IRINA – Solionii comeu-as.
- 346 TUZENBACH – Todas?
- 347 ANFISSA (*servindo o chá*) – Trouxeram-lhe esta carta, irmãozinho.
- 348 VERCHININ – Para mim? (*Pega a carta.*) É da minha filha. (*Lê a carta.*) Bem, é claro... Perdoe-me Maria Serguêievna, eu me retiro às escondidas. Não tomarei o meu chá. (*Levanta-se agitado.*) Sempre essas comédias...
- 349 MACHA – O que aconteceu? Posso saber?
- 350 VERCHININ (*baixando a voz*) – Minha esposa tomou veneno de novo. Tenho de ir. Retiro-me sem chamar a atenção. É terrivelmente desagradável. (*Beija a mão dela.*) Querida... a senhora é boa, é bonita... Saio por aqui sem ser notado. (*Sai.*)
- 351 ANFISSA – Aonde vai? Trouxe chá justamente para ele.
- 352 MACHA (*zangada*) – Deixe, não é da sua conta, babá! (*Dirige-se à mesa com a xícara.*) Pare de me aborrecer, velha!
- 353 ANFISSA – Por que está com raiva de mim, minha flor?
- 354 VOZ DE ANDREI – Anfissa!
- 355 ANFISSA (*imitando-o*) – Anfissa! Sempre enfurnado... (*Sai.*)
- 356 MACHA (*na sala da jantar, zangada*) – Deixem-me sentar. (*Espalhando as cartas sobre a mesa.*) A mesa toda ocupada com as cartas! Tomem o chá!
- 357 IRINA – Você está se comportando mal, Macha.
- 358 MACHA – Quando estou com raiva é melhor não falar comigo. Deixem-me em paz.
- 359 TCHEBUTIKIN (*ri*) – Mimosinha! Mimosinha!
- 360 MACHA – O senhor está com sessenta anos, e vive falando bobagens como se fosse um garotinho.
- 361 NATACHA (*suspira*) – Macha, querida, para que servem essas expressões? Você é tão bonita, encantaria a todos num ambiente fino, não fossem as suas maneiras. Sinceramente. *Je vous prie, pardonnez moi Marie, mais vous avez de manières un peu grossières.*
- 362 TUZENBACH (*contendo o riso*) – Dê-me... dê-me, por favor... parece que o lugar do conhaque é ali.

- 363 NATACHA – *Il parait que mon Bobik déjà ne dort pas*, já acordou. Ele não está totalmente bem hoje. Desculpem-me, vou vê-lo... *(Sai.)*
- 364 IRINA – E aonde foi Aleksander Ignatitch?
- 365 MACHA – Para casa. De novo aconteceu algo com a mulher.
- 366 TUZENBACH *(dirige-se a Solionii, com a garrafa de conhaque na mão)* Sempre sozinho, sempre meditando, não se sabe sobre o quê. Vamos, façamos as pazes. Vamos beber um conhaque. *(Bebem.)* Hoje devo passar a noite sentado ao piano, tocando um monte de bobaginhas. O que fazer?
- 367 SOLIONII – Por que deveríamos fazer as pazes? Nós não brigamos.
- 368 TUZENBACH – O senhor sempre me faz ter a impressão de que nos desentendemos. Se caráter é muito estranho, devo reconhecer.
- 369 SOLIONII *(declamando)* – “Estranho eu sou, mas quem não é? Aleko, não se zangue.”⁴
- 370 TUZENBACH – O que Aleko tem a ver com isso?
- Pausa.*
- 371 SOLIONII – Quando estou sozinho com uma pessoa sou igual aos outros. Em grupo, no entanto, fico confuso... e digo um monte de asneiras. Mesmo assim, sou mais honesto e nobre que muita gente. E posso lhe demonstrar isso.
- 372 TUZENBACH – Frequentemente sinto raiva do senhor. Vive me provocando quando estamos na companhia de terceiros. Não obstante, de alguma forma me é simpático. Caramba, hoje quero me embebedar. Vamos beber!
- 373 SOLIONII – Vamos. *(Bebe.)* Com o senhor, barão, nunca tive problemas. Mas meu caráter é igual ao de Lermontov⁵. *(Em voz baixa.)* Dizem até que temos alguma semelhança física. *(Retira do bolso um frasco de perfume e derrama um pouco nas mãos.)*
- 374 TUZENBACH – Vou passar para a reserva, já apresentei o pedido. *Basta!* Fiquei refletindo por cinco anos, mas finalmente, resolvi. Quero trabalhar.
- 375 SOLIONII *(declama)* – “Aleko, não se zangue... Esqueça, esqueça esses seus sonhos...”
- 376 TUZENBACH – Trabalharei.
- Enquanto eles falam, entra Andrei com um livro na mão e senta-se perto da vela.*
- 377 TCHEBUTIKIN *(entra na sala acompanhado de Irina)* – E fomos tratados à moda caucasiana. Sopa de cebola e assado de *tchekbartina*, um tipo de carne.
- 378 SOLIONII – A *tcheremcha* nunca foi carne, é um vegetal, parecido com a cebola.
- 379 TCHEBUTIKIN – Querido, a *tchekbartina* não é cebola, é carne de cordeiro.
- 380 SOLIONII – E eu lhe digo, que a *tcheremcha* é cebola.
- 381 TCHEBUTIKIN – E eu lhe digo que a *tchekbartina* é carne de cordeiro.
- 382 SOLIONII – E eu lhe digo que a *tcheremcha* é cebola.

⁴ Do poema dramático de Puchkin, “Os ciganos”.

⁵ Mikhail Lermontov (1814-1841), grande poeta russo, tinha um caráter explosivo, tremendamente sensível, era mordaz e provocador, a tal ponto que seu modo de ser lhe causou a morte em duelo.

383 TCHEBUTIKIN – Ora, por que essa discussão! O senhor nunca esteve no Cáucaso e tampouco
comeu *tchekbartina*.

384 SOLIONII – Não comi porque não gosto. A *tcheremcha* tem cheiro de alho.

385 ANDREI (*suplica*) – Basta, senhores, por favor! Pelo amor de Deus, basta!

386 TUZENBACH – Quando vêm os mascarados?

387 IRINA – Chegam às nove. Logo estarão aqui.

388 TUZENBACH (*abraça Andrei, enquanto canta*) – “Ah, alpendre, meu alpendre, alpendre novo em
folha...”

389 ANDREI (*dança e canta*) – “Alpendre novo em folha, feito de carvalho...”

390 TCHEBUTIKIN (*dança*) – “Com treliça!”

Todos riem.

391 TUZENBACH (*beija Andrei*) Vamos beber à nossa amizade. Andriuchka! Irei para Moscou junto
com você, para a universidade, Andriuchka.

392 SOLIONII – Qual? Em Moscou há duas universidades.

393 ANDREI – Em Moscou há uma universidade.

394 SOLIONII – Pois eu digo que há duas.

395 ANDREI – Por mim pode haver até três. Para mim tanto faz.

396 SOLIONII – Em Moscou há duas universidades. (*Protestos e assobios.*) A velha e a nova. E se os
senhores não prestam atenção, ou não lhes agrada o que digo, então posso calar-me e até
mudar de sala. (*Sai por uma das portas.*)

397 TUZENBACH – Viva! Viva! (*Ri.*) Senhores, podemos começar, vou me sentar ao piano. Que
sujeito engraçado, esse Solionii. (*Senta-se diante do piano e toca uma valsa.*)

398 MACHA (*dança a valsa sozinha*) – O barão está alto, o barão está alto!

Entra Natacha.

399 NATACHA (*chama Tchebutikin*) – Ivan Romanitch! (*Diz algo a Tchebutikin, depois sai em silêncio.*)

Tchebutikin pousa a mão no ombro de Tuzenbach e cochicha-lhe algo.

400 IRINA – O que é?

401 TCHEBUTIKIN – Já vou embora. Meus respeitos.

402 TUZENBACH – Boa noite. Temos de ir.

403 IRINA – Mas como?... e os mascarados?

404 ANDREI (*constrangido*) – Os mascarados não virão... Veja, querida, Natacha disse que Bobik está
um pouco adoentado. Enfim... não sei. Para mim tanto faz...

405 IRINA (*encolhe os ombros*) – Bobik está doente!

406 MACHA – O que fazer? Se nos enxotam temos de ir. (*A Irina.*) Não é Bobik que está doente, e
sim ela... aqui! (*Aponta com o dedo a testa.*) É uma burguesinha!

Andrei sai pela porta da direita. Tchebutikin o segue; na sala de jantar começam as despedidas.

407 FEDOTIK – Que pena, eu estava certo de que iria passar a noite aqui, mas se a criança está doente, então é claro que... Amanhã vou lhe trazer algum brinquedo.

408 RODE (*em voz alta*) – Dormi de propósito hoje de tarde para poder dançar a noite toda. Ainda não são nem nove horas...

409 MACHA – Vamos sair; lá fora decidiremos o que fazer.

Ouvem-se as últimas despedidas: “Adeus! Deus a guarde!”. Tuzenbach dá gargalhadas. Todos se retiram. Anfissa e a criada tiram a mesa e apagam as luzes. Ouve-se a babá cantar. Silenciosamente entra Andrei de capa e chapéu, acompanhado de Tchebutikin.

410 TCHEBUTIKIN – Eu não me casei porque a minha vida passou rápido como um relâmpago, e também porque amei loucamente a sua mãe, que já era casada então.

411 ANDREI – Não se deve casar-se, não se deve. É enfadonho.

412 TCHEBUTIKIN – Isso é verdade, mas e a solidão! Pode-se filosofar à vontade, mas a solidão é uma coisa terrível, meu irmãozinho... Embora na realidade... naturalmente, decididamente, tanto faz.

413 ANDREI – Apressemo-nos.

414 TCHEBUTIKIN – Para que nos apressarmos? Temos tempo de sobra.

415 ANDREI – Recceio que a minha mulher nos retenha.

416 TCHEBUTIKIN – Que nada.

417 ANDREI – Hoje não vou jogar, apenas ficarei sentado. Não me sinto bem... O que devo fazer, Ivan Romanitch, para aliviar os distúrbios respiratórios?

418 TCHEBUTIKIN – Por que você me pergunta? Não me lembro mais, querido. Não sei mais.

419 ANDREI – Vamos sair pela cozinha! (*Saem.*)

Soa a campainha. Volta a soar. Ouvem-se vozes e risos.

420 IRINA (*entra*) – Quem é?

421 ANFISSA (*sussurrando*) – São os mascarados.

Soa a campainha de novo.

422 IRINA – Diga-lhes, babá, que não tem ninguém em casa. Que nos perdoem.

Anfissa sai. Irina anda de um lado para outro na sala, imersa em pensamentos; está agitada. Entra Solionii.

423 SOLIONII (*surpreso*) – Não há ninguém? ... Aonde foram todos?

424 IRINA – Foram para casa.

425 SOLIONII – Estranho. A senhora está sozinha?

426 IRINA – Sozinha... (*Pausa.*) Bem, então adeus.

427 SOLIONII – Há pouco não me portei com moderação, devia ter tido mais tato. Mas a senhora não é como os outros – é nobre e pura – a senhora enxerga a verdade. Só a senhora poderá me entender. Eu a amo, amo-a profundamente, infinitamente.

428 IRINA – Está bem, adeus. Vá embora.

429 SOLIONII – Não posso viver sem a senhora!... *(Segue-a.)* Oh, meu encanto. *(Entre lágrimas.)* Oh minha felicidade. A senhora tem os olhos mais maravilhosos, magníficos e fascinantes que eu já vi numa mulher.

430 IRINA *(com frieza)* – Pare com isso, Vasilii Vasilitch!

431 SOLIONII – É a primeira vez que lhe falo do meu amor, e sinto como se nem estivesse na terra, e sim numa outra estrela. *(Esfrega a testa.)* Bem, tanto faz. Não se pode obter amor à força. Porém não admitirei um rival afortunado... não admitirei... juro pelo que existe de mais sagrado que o matarei... oh, criatura maravilhosa!

Natacha atravessa a cena com uma vela na mão.

432 NATACHA *(à porta de um quarto, assoma a cabeça para dentro e olha; faz o mesmo noutra quarto e então passa diante da porta que leva ao quarto do marido.)* – Andrei está aqui, deixem-no ficar lendo. Perdoe-me Vasilii Vasilitch. Não sabia que o senhor estava aqui. Estou passeando de penhoar...

433 SOLIONII – Por mim... Adeus. *(Sai.)*

434 NATACHA – E você está cansada, minha pobre e querida menina. *(Beija-a.)* Devia deitar-se mais cedo.

435 IRINA – Bobik está dormindo?

436 NATACHA – Sim, mas dorme um sono agitado. Estou me lembrando agora, quis lhe dizer alguma coisa, mas ou você não estava aqui ou eu estava sem tempo... Parece-me que o quarto atual de Bobik é frio e úmido. O seu quarto lhe serviria muito bem. Talvez, querida, você devesse mudar para o quarto de Olga.

437 IRINA *(sem compreender)* – Para onde?

Ouvem-se as campainhas de uma tróica que se aproxima e pára diante da casa.

438 NATACHA – Por enquanto você pode dormir no mesmo quarto com Olga e o seu quarto será de Bobik. Ele é um encanto! Hoje eu lhe disse: “Oi Bobik, oi Bobik querido!” E ele me olhou com aqueles olhinhos!...

(Soa a campainha.)

439 NATACHA – Decerto é Olga. Chega tão tarde.

A criada dirige-se até Natacha e lhe diz algo no ouvido.

440 NATACHA – Protopopov? Que extravagante! Protopopov está aqui e me pede para ir passear de trenó com ele. *(Ri.)* Os homens são tão estranhos!

(Soa a campainha.)

441 NATACHA – Chegou alguém. Talvez eu saia por um quarto de hora... *(À criada.)* Diga que volto logo.

(Soa a campainha.)

442 NATACHA – Decerto é Olga. *(Sai.)*

A criada sai correndo. Irina está sentada, submersa em pensamentos. Entram Kuliguin, Olga, e atrás deles Verchinin.

- 443 KULIGUIN – Ah, disseram-me que haveria uma festa aqui.
- 444 VERCHININ –Estranho, quando fui embora há pouco, meia-hora atrás, estavam à espera dos mascarados...
- 445 IRINA – Todos se foram.
- 446 KULIGUIN – Macha também? Aonde terá ido? E por que a tróica de Protopopov está lá embaixo? Por quem ela espera?
- 447 IRINA – Não me façam perguntas... estou cansada.
- 448 KULIGUIN – Ora, senhorita caprichosa...
- 449 OLGA – A reunião só terminou agora há pouco. Estou morta. A diretora ficou doente e sou em quem a substitui. A minha cabeça... ai como sói a minha cabeça... *(Senta-se.)* Ontem Andrei perdeu pelo menos duzentos rublos no jogo. A cidade toda fala nisso...
- 450 KULIGUIN – Sim, a reunião cansou a mim também. *(Senta-se.)*
- 451 VERCHININ – Pois a minha mulher tentou de novo me assustar e por pouco não se envenenou. Agora está tudo bem, e estou feliz por poder descansar um pouco... Então temos de partir? Permitam-me desejar-lhes uma boa noite. Fiodor Ilitch, venha comigo a um lugar qualquer! Não posso ficar em casa, não posso... Vamos!
- 452 KULIGUIN – Estou cansado. Não vou. *(Levanta-se.)* Estou cansado. Minha esposa foi para casa?
- 453 IRINA – Decerto.
- 454 KULIGUIN *(beija a mão de Irina)* – Adeus. Amanhã e depois de amanhã posso descansar o dia inteiro. Fiquem com Deus! *(Dispõe-se a partir.)* Mas bem que eu gostaria de tomar um pouco de chá. Pretendia passar a noite em companhia agradável, mas *fallacem hominum spem*⁶! Acusativo com exclamação.
- 455 VERCHININ – Então vou sozinho. *(Sai assobiando, seguido por Kuliguin.)*
- 456 OLGA – Estou com dor de cabeça... Andrei perdeu no jogo... a cidade inteira fala nisso... Vou me deitar. *(Dispõe-se a se retirar.)* Amanhã terei o dia livre... Meu Deus, que felicidade!... Livre amanhã e livre também depois de amanhã... ai, a cabeça, a cabeça... *(Sai.)*
- 457 IRINA – Todos se foram... não restou ninguém aqui...
Ouve-se da rua o som de um acordeão, a babá canta.
- 458 NATACHA *(atravessa a sala de jantar vestindo um casaco de peles e um gorro; atrás dela, a criada)* – Dentro de meia hora estarei em casa. Vou dar uma volta de trenó. *(Sai.)*
- 459 IRINA *(sozinha, com tristeza desesperada)* – Moscou!... Moscou!... Moscou!...

Cortina.

⁶ Vã esperança humana!

Terceiro ato

Quarto de Olga e Irina. À esquerda e à direita, camas cercadas por biombo. São mais ou menos três horas da madrugada. Fora da cena se ouve o repicar dos sinos; está havendo um incêndio, que já dura bastante tempo. Vê-se que na casa ainda estão todos acordados.

Macha, de roupa preta, como sempre, está deitada no divã. Entram Olga e Anfissa.

460 ANFISSA – Agora estão sentadas lá embaixo na escada. Eu lhes digo: “Subam, por favor, assim não está certo...” Mas elas só choram e repetem: “Não sabemos onde está o papai! Pode ser que ele tenha morrido no meio do fogo!” Esse pensamento é terrível. E há também gente pelo pátio... também sem roupa.

461 OLGA (*tirando roupas do armário*) – Tome esta cinzenta... e mais esta. E este casaquinho. E esta saia. Tome babá! Meu Deus, o que foi isso? Parece que toda a Rua Kirsanov virou um amontoado de cinzas. Tome mais isto... e isto. (*Joga as roupas para Anfissa.*) Os Verchinin, coitados, estavam assustadíssimos. Por pouco a casa deles não pegou fogo também. Hoje vão dormir aqui. Não os deixaremos ir para casa... Ao coitado do Fedotik nada restou... queimou tudo.

462 ANFISSA – Oliuchka, você devia chamar Ferapont. Sozinha eu não dou conta...

463 OLGA (*toca a campainha*) – Ninguém responde... (*Chama, indo até a porta.*) Ei, tem alguém aí?

(Pela porta aberta se divisa uma janela que reflete o fogo; ouve-se o carro de bombeiros passar diante da casa.)

464 OLGA – Que noite horrível! Não agüento mais!

Entra Ferapont.

465 OLGA – Tome, leve isto para baixo. Aí debaixo da escada estão as senhoritas Kolotilin... dê isto a elas... E isto também...

466 FERAPONT – Sim, senhora. Em doze, Moscou também ardeu em cinzas. Deus, meu Senhor! Os franceses ficaram admirados.

467 OLGA – Está bem, vá...

468 FERAPONT – Sim, senhora. (*Sai.*)

469 OLGA – Babá, dê tudo a eles. Nós não precisamos de nada... estou tão cansada, mal me agüento em pé... Não deixaremos os Verchinin irem para casa. As crianças podem dormir no salão. Aleksander Ignatitch, lá embaixo, com o barão. Fedotik também pode ficar com o barão ou aqui, na sala de jantar. O doutor, como se de propósito, está de novo embriagado, tremendamente embriagado. Para lá ninguém pode ir. E a esposa de Verchinin, também no salão...

470 ANFISSA (*exausta*) – Oliuchka, querida... não me enxote! Não me enxote!

471 OLGA – Ora, não diga bobagens, babá, ninguém vai enxotá-la.

- 472 ANFISSA (*deita a cabeça no peito de Olga*) – Minha querida, meu tesouro, eu trabalho, me esforço. Quando me faltarem forças, então me dirão: “Vá com Deus!” ... Mas aonde eu posso ir? Com oitenta anos... Vou fazer oitenta e dois...
- 473 OLGA – Sente-se um pouco, babá. Está cansada, pobrezinha... (*Faz com que ela se sente.*) Descanse, pobrezinha, ai como está pálida!
- Entra Natacha.*
- 474 NATACHA – Estão dizendo que se deve organizar uma ação de ajuda imediata aos flagelados. Excelente idéia, não é? Uma idéia magnífica. Os pobres em geral devem ser socorridos o mais rápido possível. É obrigação dos ricos. Bobik e Sofotchka dormem como se nada tivesse acontecido. A casa inteira está entulhada, por onde ando há gente por toda parte. O problema é que há uma epidemia de gripe pela cidade de temo que as crianças se contagem.
- 475 OLGA (*não lhe presta atenção*) – Deste quarto não se vê o incêndio. Aqui está tudo tranqüilo.
- 476 NATACHA – Sim... Estou muito despenteada... (*Diante do espelho.*) Dizem que engordei... Não é verdade! Nem um pouco! E Macha está dormindo, cansou-se coitada... (*A Anfissa, fria.*) Quando estou aqui não se atreva a ficar sentada! Levante-se, saia daqui! (*Anfissa sai. Pausa.*) Não posso entender por que você mantém essa velha.
- 477 OLGA (*perplexa*) – Desculpe, tampouco eu entendo...
- 478 NATACHA – Não há razão para ela estar aqui. É uma camponesa, e seu lugar é na aldeia. Para que mimá-la? Gosto quando está tudo em ordem na casa. Aqui não há lugar para gente inútil. (*Acaricia o rosto de Olga.*) Está cansada, pobrezinha. Nossa diretoria está cansada. Quando a minha Sofotchka crescer e entrar para o ginásio, sei que terei medo de você.
- 479 OLGA – Eu não serei diretora.
- 480 NATACHA – Mas você será eleita, Oliuchka. Já está resolvido.
- 481 OLGA – Recusarei. Não posso... Não iria conseguir... (*Bebe água.*) Há pouco você foi muito grosseira com a babá. Perdoe-me, mas eu não posso suportar isso... fiquei com a vista turva...
- 482 NATACHA (*agitada*) – Perdoe-me Olia querida, não quis afligi-la.
- Macha levanta-se, pega o traveseiro e retira-se furiosa.*
- 483 OLGA – Compreenda, querida, que talvez nós tenhamos sido educadas de modo estranho, mas eu não posso suportar isso. Esse tipo de comportamento me deprime... eu fico doente...
- 484 NATACHA – Bem, me perdoe. (*Beija-a.*)
- 485 OLGA – A mínima grosseria, uma palavra menos delicada, me altera...
- 486 NATACHA – Pode ser que às vezes eu fale demais. Mas você tem de reconhecer, querida: a babá bem que poderia ter ficado na aldeia.
- 487 OLGA – Ela está conosco há trinta anos.
- 488 NATACHA – Mas já não pode trabalhar. Ou sou eu quem não entende ou é você que não quer me entender. Ela não serve para o trabalho; só dorme ou fica sentada.
- 489 OLGA – Então que fique sentada.

490 NATACHA (*admirada*) – Ficar sentada? Mas é uma criada! (*Desata a chorar.*) Não a compreendo, Olga. Tenho uma babá, uma ama-de-leite, uma criada, uma cozinheira... Então para que precisamos dessa velha? Para quê?

Ouve-se o repicar dos sinos.

491 OLGA – Envelheci dez anos esta noite.

492 NATACHA – Temos de tratar desse assunto, Olga. Você está no liceu e eu fico aqui; você dá aula, eu cuido da casa. E se eu disser algo dos criados, sei o que estou dizendo; sei o que estou dizendo... Assim sendo, amanhã não quero ver mais essa velha ladra, essa decrépita!... (*Bate os pés.*) Não quero ver essa velha bruxa! E parem de me irritar! Entenderam?... (*Controla-se.*) Está vendo? Se você não mudar para o andar de baixo, vamos brigar sempre. É horrível.

Entra Kuliguin.

493 KULIGUIN – Onde está Macha? Podemos ir para casa. O fogo está diminuindo, dizem... (*Espreguiçando-se.*) Apenas um bairro foi atingido, apesar de no início o vento ter dado a impressão de que o incêndio tomava conta da cidade inteira. (*Senta-se.*) Estou cansado. Olga, minha querida Olga... Penso freqüentemente: se não fosse por Macha eu teria me casado com você, Olga. Você é tão boa... Estou fatigado. (*Fica escutando.*)

494 OLGA – O que é?

495 KULIGUIN – Justamente hoje, como se de propósito, o doutor embebedou-se para valer. De propósito. (*Levanta-se.*) Parece ser ele... Está ouvindo? Sim, é ele mesmo... (*Ri.*) Que figura!... Vou me esconder aqui. (*Esconde-se no canto, junto ao armário.*) Que velhaco!

496 OLGA – Não bebia há dois anos, e agora de repente... (*Dirige-se com Natacha para o fundo da sala.*)

Aparece Tchebutikin. Atravessa a sala com passos firmes, como uma pessoa sóbria, pára, olha ao redor, depois se dirige ao lavabo e começa a lavar as mãos.

497 TCHEBUTIKIN (*com ar taciturno*) – Que o diabo os carregue! Pensam que por ser médico eu posso curar todas as enfermidades. Pois eu não curo mais nada, esqueci tudo o que sabia, não sei mais nada, absolutamente nada. (*Olga e Natacha saem sem Tchebutikin perceber.*) Que o diabo os carregue! Quarta-feira passada atendi no aterro uma mulher doente; ela morreu, e fui eu quem causou a sua morte. Sim... Vinte e cinco anos atrás eu ainda sabia algumas coisas, mas agora esqueci tudo. Tudo. Talvez eu nem seja mais um homem, só finja que tenho braços, pernas, cabeça. Talvez nem esteja mais vivo e só me pareça que ando, como e durmo. (*Desata a chorar.*) Ai, se eu não existisse! (*Já não chora mais; taciturno.*) Tanto faz como tanto fez... Anteontem conversavam no clube; falavam sobre Shakespeare e Voltaire... Eu não li nada de nenhum dos dois, mas fiz uma cara de quem tinha lido. E os outros, a mesma coisa. Canalhice! Baixeza! E aquela mulher que deixei morrer na quarta-feira me veio à mente e pesou na minha alma, e tudo era tedioso, sujo, repulsivo... Sai e me embebedei.

Entram Irina, Verchinin e Tuzenbach; Tuzenbach usa roupas civis da moda.

498 IRINA – Vamos sentar um pouco. Aqui não seremos perturbados.

499 VERCHININ – Se não fossem os soldados a cidade inteira teria ardido. Ótimos rapazes. (*Esfrega as mãos de contentamento.*) Grandes sujeitos, rapazes formidáveis!

- 500 KULIGUIN (*aproxima-se*) – Que horas são agora, senhores?
- 501 TUZENBACH – Quase quatro. Já amanhece.
- 502 IRINA – Estão todos sentados na sala de jantar, ninguém vai embora. Lá está o seu Solionii também. (*A Tchebutikin.*) Doutor, vá dormir!
- 503 TCHEBUTIKIN – Não há de quê... Obrigado... (*Penteia a barba.*)
- 504 KULIGUIN (*ri*) – Então, Ivan Romanitch, tomou um grande pileque! (*Dá-lhe palmadas no ombro.*) Sujeito formidável! *In vino veritas* – diziam os antigos.
- 505 TUZENBACH – Todos me pedem para organizar um concerto em benefício das vítimas do incêndio.
- 506 IRINA – Sim, mas quem...
- 507 TUZENBACH – Se quisermos de verdade, poderemos organizá-lo. Na minha opinião Maria Serguêievna toca piano maravilhosamente.
- 508 KULIGUIN – Sim, maravilhosamente!
- 509 IRINA – Já esqueceu. Há três anos não toca... talvez até quatro.
- 510 TUZENBACH – Ninguém na cidade entende de música, uma alma viva sequer, mas eu sim, eu entendo, e posso lhes assegurar que Maria Serguêievna toca magnificamente, é muito talentosa.
- 511 KULIGUIN – O barão tem razão. Gosto muito de Macha. É uma mulher excepcional.
- 512 TUZENBACH – Tocar tão bem e sentir que ninguém, mas ninguém, a entende!
- 513 KULIGUIN (*suspira*) – Sim... Porém será de bom tom ela se apresentar num concerto? (*Pausa.*) Na verdade, senhores, eu nada sei. Pode ser uma boa idéia. Devo admitir que o nosso diretor é um homem bom, e até muito bom e inteligente, mas tem certos pontos de vista... Naturalmente isso não lhe diz respeito, porém mesmo assim, se quiserem falarei com ele sobre isso.
- Tchebutikin toma nas mãos um relógio de porcelana e o examina.*
- 514 VERCHININ – Olhem a minha roupa, me sujei no incêndio. (*Pausa.*) Ontem ouvi dizer que o nosso batalhão será transferido para algum lugar distante. Polônia, segundo uns, para outros Tchita.
- 515 TUZENBACH – Eu também ouvi dizer. A cidade ficará deserta então.
- 516 IRINA – Nós também mudaremos!
- 517 TCHEBUTIKIN (*deixa cair o relógio de porcelana, que se despedaça*) – Quebrou!
- Pausa; todos estão penalizados e contrafeitos.*
- 518 KULIGUIN (*recolhe os cacos*) – Era uma coisa tão valiosa... Ivan Romanitch, zero de comportamento!
- 519 IRINA – O relógio era da nossa falecida mãe.
- 520 TCHEBUTIKIN – Talvez... fosse da sua mãe... talvez eu nem o tenha quebrado, só pareça que o quebrei. Talvez só pareça que estamos vivos, também, e na realidade nem estejamos. Eu nada sei. Ninguém sabe nada. (*Da porta.*) O que estão olhando? Natacha está tento um

pequeno romance com Protopopov e vocês nem vêm. Ficam sentados aqui e não vêm nada, no entanto Natacha é amante de Protopopov... *(Canta.)* “Recebam esta tâmara de presente...” *(Sai.)*

- 521 VERCHININ – Sim... *(Ri.)* Na realidade tudo isso é muito estranho. *(Pausa.)* Quando começou o incêndio, fui às pressas para casa. Na medida que me aproximava, vi que a casa não corria perigo, não pegara fogo. Mas as minhas filhinhas estavam paradas de camisola na soleira da porta, a mãe não estava – a rua apinhada de gente, os cavalos correndo, cachorros – e no rosto delas uma expressão de ansiedade, terror, súplica, sei lá mais o quê. Senti um aperto no coração quando vi aqueles rostos, Meu Deus, pensei, quanto sofrimento estará reservado para essas meninas ao longo da vida. Agarrei-as e corri com elas, mas sempre com a mesma idéia na cabeça: o que essas pobres meninas terão ainda de enfrentar! *(Toca o alarme. Pausa.)* E ao chegar aqui encontro a mãe delas, que grita e ralha...

(Entra Macha com uma almofada e senta-se no divã.)

- 522 VERCHININ – E quando as minhas filhas estavam lá paradas, seminuas, na soleira, e a rua era iluminada pelo fogo e havia uma gritaria infernal, então lembrei que algo parecido acontecera muitos anos atrás quando o inimigo nos surpreendeu e saqueava e incendiava tudo pelo caminho... afinal qual é a diferença entre aquilo que foi e o que está sendo? Passado algum tempo, talvez uns duzentos ou trezentos anos, a nossa vida será lembrada com horror e troça, tudo o que existe hoje vai parecer disforme, pesado, sumamente incômodo e estranho. Oh, que vida será aquela, que vida! *(Ri.)* Perdoe-me, de novo estou filosofando. Permitam-me, senhores, que continue, tenho de filosofar agora, meu estado de espírito me pede. *(Pausa.)* Todos dormem. Então, como eu dizia: que vida não será! Imaginem só... nesta cidade existem hoje apenas três pessoas como os senhores, porém nas gerações futuras existirão sempre mais e mais, e haverá um tempo em que tudo será como nós sonhamos. Todos viverão como os senhores; depois os senhores também envelhecerão e virão outros homens, melhores que os senhores... *(Ri.)* Hoje estou num estado de ânimo singular. Tenho uma vontade terrível de viver! *(Canta.)* “Ame sempre e ame de novo, o amor é um tormento delicioso...” *(Ri.)*

- 523 MACHA – Tram-tam-tam...

- 524 VERCHININ – Tam-tam...

- 525 MACHA – Tra-la-lá...

- 526 VERCHININ – La... lá...

Entra Fedotik.

- 527 FEDOTIK *(dançando)* – Queimou tudo! Tudo o que eu tinha virou cinza!

Risos.

- 528 IRINA – Que brincadeira é essa? Perdeu tudo?

- 529 FEDOTIK *(ri)* – Tudo, tudo! Não me restou nada, o violão, a máquina fotográfica, todas as cartas, tudo queimou. Quis presenteá-la com uma agenda, ela também queimou!

Entra Solionü.

- 530 IRINA – Peço-lhe que vá embora, Vasilii Vasilitch... o senhor não cabe aqui num momento como este.
- 531 SOLIONII – E por que então o barão pode ficar, se eu não posso?
- 532 VERCHININ – De fato devemos ir. Como está o incêndio?
- 533 SOLIONII – Está amainando, dizem. Estranho muito que o barão possa ficar aqui e eu não.
(Tira do bolso um frasco de perfume e se borrija com ele.)
- 534 VERCHININ – Tram-tam-tam...
- 535 MACHA – Tam-tam...
- 536 VERCHININ *(ri para Solinii)* – Vamos à sala de jantar.
- 537 SOLIONII – Está bem, tomarei nota. Podia falar muito a respeito, mas deixemos isso para lá.
(Olhando em direção a Tuzenbach.) Tsip... tsip... tsip... *(Sai com Verchinin e Fedotik.)*
- 538 IRINA – Que cheiro de fumaça deixou esse Solionii. *(Surpresa.)* O barão está dormindo! Barão! Barão!
- 539 TUZENBACH *(acorda)* – Na verdade, estou um pouco cansado... A olaria... Não é sonho, não. Logo, logo eu começarei a trabalhar na olaria. Já mantive contatos. *(A Irina com ternura.)* A senhora é tão pálida, tão bonita, tão encantadora. Sua palidez parece iluminar o ar escuro, como uma luz... Está triste e insatisfeita com a vida... oh, venha comigo e trabalharemos juntos!
- 540 MACHA – Nicolai Lvovitch, vá embora!
- 541 TUZENBACH *(ri)* – A senhora está aqui? Não a vi... *(Beija a mão de Irina.)* Adeus, eu vou indo. Há pouco a observava e lembrei-me de que certa feita, há muito, muito tempo, no dia da sua santa, disse alegre e jovial: como é delicioso trabalhar! Que vida feliz eu imaginava então!... E onde ela está? *(Beija-lhe a mão.)* Tem lágrimas nos olhos. Vá dormir, já está amanhecendo... Rompe o dia... Ai, se eu pudesse dar a vida pela senhora!
- 542 MACHA – Nikolai Lvovitch, vá embora. Isso já é demais...
- 543 TUZENBACH – Já vou, já vou. *(Sai.)*
- 544 MACHA *(recosta-se no divã)* – Está dormindo, Fiodor?
- 545 KULIGUIN – O quê?
- 546 MACHA – Melhor você ir para casa.
- 547 KULIGUIN – Querida Macha... cara Macha.
- 548 IRINA – Macha está cansada. Deixe-a descansar.
- 549 KULIGUIN – Já vou... Minha esposa é uma ótima mulher, é uma mulher magnífica. Minha querida, eu a amo, eu a amo, só a você...
- 550 MACHA *(irritada)* – *Amo, amas, amat, amamus, amatis, amant.*
- 551 KULIGUIN *(ri)* – Sim, é uma mulher deveras extraordinária. Vivemos juntos há sete anos, e para mim é como se tivéssemos casado ontem, palavra de honra. Sim, é uma mulher extraordinária, mesmo. Estou feliz... feliz, feliz, feliz.

- 552 MACHA – E eu estou até aqui. Até aqui, até aqui, até aqui! *(Senta-se no divã e fala sentada.)* É simplesmente revoltante... não me sai da cabeça. Estou falando de Andrei. Hipotecou a casa no banco e a esposa embolsou todo o dinheiro. E a casa não é só dele, é de nós quatro! Ele precisa reconhecer isso, se for uma pessoa honrada.
- 553 KULIGUIN – Ora Macha, que necessidade tem você de dinheiro? O pobre Andriucha está endividado até o pescoço, deixe-o, peço-lhe.
- 554 MACHA – Mas é revoltante! *(Volta a recostar-se.)*
- 555 KULIGUIN – Nós dois não somos pobres. Eu trabalho, dou aulas no liceu, e também aulas particulares... Sou um homem honesto... Um homem simples... *Omnia mea mecum porto*⁷ - como diziam os antigos.
- 556 MACHA – Nem eu quero o dinheiro, mas o que ele fez é revoltante. *(Pausa.)* Vá embora, Fiodor!
- 557 KULIGUIN *(beija-a)* – Você está cansada, descanse meia-hora, eu vou sentar num canto e a aguardo... durma. *(Põe-se a andar.)* Estou feliz, estou feliz. *(Sai.)*
- 558 IRINA – Como o nosso Andrei ficou miúdo, como perdeu o valor e envelheceu ao lado dessa mulher!... Houve um tempo em que ele pretendia ser professor universitário, e ontem se vangloriava por finalmente ter sido designado membro do conselho municipal. Ele é membro onde o Protopopov é presidente. Toda a cidade fala e ri disso, apenas ele não sabe, não vê nada... Agora, quando todos acorreram ao fogo, ele ficou sentado no quarto sem se importar. Sempre tocando aquele violino. *(Nervosa.)* Mas isso é horrível, horrível, horrível! *(Desata a chorar.)* Não posso, não posso agüentar mais!... Não posso, não posso!
- Entra Olga, começa a pôr ordem em torno da mesa.*
- 559 IRINA *(chora convulsivamente)* – Ponham-me na rua, ponham-me na rua, eu não agüento mais!
- 560 OLGA *(assusta-se)* – O que você tem? O que você tem, querida?
- 561 IRINA – Onde tudo foi parar? Onde foi parar? Onde? Meu Deus, meu Deus! Esqueci tudo, tudo! Na minha cabeça está tudo embaralhado... Não sei mais como se diz em italiano “janela” ou “teto”... Esqueço tudo, cada dia mais e mais, e a vida se esvai, e nunca voltará, nunca mais. Nunca iremos a Moscou... Sinto que nós nunca sairemos daqui.
- 562 OLGA – Minha querida, minha querida...
- 563 IRINA *(controla-se)* – Oh, que desgraçada eu sou... Não sei trabalhar, não vou mais trabalhar. Chega, chega! Trabalhei nos correios, agora trabalho na prefeitura e detesto, desprezo meu trabalho... Completei vinte e três anos, trabalho há muito tempo e meus miolos estão secando, emagreci, enfeci, estou também envelhecendo, e não vejo recompensa alguma! No entanto o tempo passa e sinto que cada vez mais e mais me distancio da vida bela e verdadeira e me aproximo de algum abismo. Estou desesperada, e não compreendo como ainda estou viva, como ainda não acabei com a minha vida, não compreendo.
- 564 OLGA – Não chore, meu bem, não chore. Isso me dói tanto!
- 565 IRINA – Não choro. Já não estou mais chorando. Passou... está vendo? Já não choro mais. Passou... pronto!

⁷ Trago tudo comigo.

566 OLGA – Meu bem, digo-lhe isso como irmã mais velha, como amiga, aconselho-a a se casar com o barão. *(Irina chora baixinho.)* Afinal, você o respeita e lhe tem grande estima... Verdade que é feio, mas é um homem honrado e tão nobre... As pessoas não se casam por amor, e sim para cumprirem sua obrigação. Pelo menos eu penso assim, e me casaria mesmo sem amor. Eu me casaria com qualquer um, desde que fosse uma pessoa decente. Mesmo com alguém mais velho...

567 IRINA – Sempre esperei que, quanto mudássemos para Moscou, lá eu encontraria o verdadeiro... sonhava com ele, e o amava... E agora descobri que tudo não passou de bobagem.

568 OLGA *(abraça a irmã)* – Minha doce e bela irmãzinha, eu a compreendo... Quando o barão deixou o exército e nos visitou pela primeira vez em roupas civis, ele me pareceu tão feio que eu também desatei a chorar. Ele me perguntou: “Por que a senhora está chorando?” O que eu podia lhe responder? Mas se a vontade de Deus for que você se case com ele, eu serei feliz... Pois isso é completamente diferente... completamente...

Pela porta da direita entra Natacha; com uma vela na mão, atravessa a cena silenciosamente e sai pela esquerda.

569 MACHA *(senta-se)* – Caminha como se fosse a responsável pelo incêndio.

570 OLGA – Como você é tola, Macha. Você é a mais tola da família. Perdoe-me, por favor.

Pausa.

571 MACHA – Preciso fazer-lhes uma confissão, queridas irmãs... Minha alma não está em paz. Vou confessar-lhes, e depois não falarei mais a ninguém... Já vou começar. *(Em voz baixa.)* É o meu segredo, porém vocês têm de saber. Não posso mais calar-me. *(Pausa.)* Estou apaixonada... amo esse homem... estava aqui agora mesmo, vocês o viram... Bem... em resumo... amo Verchinin.

572 OLGA *(dirige-se à sua cama, atrás do biombo)* – Ora, com licença. Nem quero ouvir.

573 MACHA – Mas o que posso fazer? *(Leva as mãos à cabeça.)* No início achava-o estranho... depois senti pena dele. Por fim passei a gostar dele, da sua voz, de suas palavras, de suas inúmeras desgraças e das duas filhas.

574 OLGA *(de detrás do biombo)* – Nem quero ouvir... Por mim pode dizer qualquer tolice que eu não ouço.

575 MACHA – Você é boba, Olga! Amo-o, e essa é a minha sina. É o meu destino... Ele também me ama... Isso é terrível, e não está certo, não é? *(Toma a mão de Irina e a puxa para si.)* Ai, minha querida... Como viveremos nossa vida, o que será de nós... Quando lemos isso nos romances parece-nos tudo tão velho e tão fácil de compreender, mas quando somos nós mesmos que amamos, vemos que ninguém sabe nada e cada um deve decidir sozinho a sua vida... Minhas queridas, minhas irmãzinhas... Eu me confessei com vocês. E de agora em diante guardarei silêncio. Farei como o louco de Gogol... “Silêncio... silêncio”.

Entra Andrei, seguido de Ferapont.

576 ANDREI *(irritado)* – O que você quer? Não o entendo.

577 FERAPONT *(na porta, impaciente)* – Já lhe disse cem vezes, Andrei Serguêievitch...

578 ANDREI – Em primeiro lugar, para você eu não sou Andrei Serguêievitch e sim, sua excelência!

579 FERAPONT – Sua excelência, os bombeiros solicitam que lhes permita passar pelo jardim para ir até o rio. Senão eles terão que dar voltas e mais voltas, e...

580 ANDREI – Está bem, podem passar.

(Ferapont sai.)

581 ANDREI – Estou cansado de tudo. Onde está Olga?

(Olga aparece detrás do biombo.)

582 ANDREI – Vim pedir-lhe a chave do armário, perdi a minha. Você tem uma chavezinha igual.

(Olga entrega-lhe a chave em silêncio, Irina se dirige à sua cama atrás do biombo. Pausa.)

583 ANDREI – Que incêndio tremendo! Agora já começou a diminuir. Esse Ferapont me tirou do sério, e eu lhe disse uma besteira... Sua excelência... *(Pausa.)* Por que está calada, Olga? *(Pausa.)* Parem com essa bobagem de torcer o nariz sem motivo algum. Macha, você está aqui, Irina também; ótimo, vamos conversar às claras, de uma vez por todas. O que vocês têm contra mim? Falem.

584 OLGA – Deixe disso, Andriuchka, amanhã nós conversamos. *(Nervosa.)* Que noite terrível!

585 ANDREI *(muito embaraçado)* – Não fique nervosa. Perguntei-lhes com a maior tranqüilidade o que têm contra mim. Digam-me com toda a sinceridade.

586 VERCHININ *(canta fora de cena)* – Tram-tam-tam.

587 MACHA *(levanta-se, cantarola)* – Tra-ta-ta. *(A Olga.)* Até mais ver, Olia. Fique com Deus. *(Dirige-se para trás do biombo e beija Irina.)* Durma sossegada... Adeus, Andrei, vá andando, por favor, estamos cansadas. Amanhã poderá conversar à vontade. *(Sai.)*

588 OLGA – É isso mesmo, Andrei, deixemos isso para amanhã... *(Dirige-se para a sua cama.)* Está na hora de dormir.

589 ANDREI – Apenas quero pôr isso em pratos limpos e em seguida vou, imediatamente... Em primeiro lugar, vocês têm algo contra Natacha, minha mulher, vejo isso desde o dia do nosso casamento. Natacha é uma pessoa excelente, honrada, uma alma franca e nobre – essa é a minha opinião. Amo a minha mulher, respeito-a – entendem? – respeito-a e exijo dos outros que também a respeitem. Repito, é uma mulher excelente e honrada, e vocês estão mudas assim apenas, perdoem-me, por capricho. *(Pausa.)* Em segundo lugar, parece-me que vocês estão zangadas por eu não ter me tornado professor universitário e não ter seguido a carreira científica. Porém eu trabalho na prefeitura, sou membro do conselho municipal e considero meu cargo tão sagrado e tão importante como qualquer carreira científica. Sim, eu sou membro do conselho, e, se quiserem saber, tenho orgulho disso... *(Pausa.)* E em terceiro lugar... quero dizer ainda... É que... hipotequei a casa sem o consentimento de vocês... Pois bem, sinto-me culpado por isso, e peço-lhes que me perdoem... Minhas dívidas me obrigavam a fazer isso. Trinta e cinco mil. Deixei de jogar há muito, mas o que sobretudo me serve de justificativa é que vocês, por serem mulheres, recebem uma pensão, enquanto eu... praticamente não tinha rendimento algum...

Pausa.

590 KULIGUIN (*assoma a cabeça na porta*) – Macha não está aqui? (*Inquieto.*) Vocês viram minha mulher? Isso é por demais estranho... (*Sai.*)

591 ANDREI – Elas não me ouvem. Natacha é uma mulher excelente e honrada. (*Anda em silêncio, de um lado para outro do palco, depois pára.*) Quando me casei com ela pensava que seríamos felizes, que todos seríamos felizes... Mas, meu Deus... (*Desata a chorar.*) Queridas irmãs, queridas e boas irmãs, não acreditem em mim, não acreditem!... (*Sai.*)

592 KULIGUIN (*assustado, assoma a cabeça na porta*) – Onde está Macha? Minha mulher não está aqui? Isso é por demais estranho. (*Sai.*)

Ouve-se o repicar dos sinos. A cena está vazia.

593 IRINA (*de detrás do biombo.*) – Olga! Quem está batendo no assoalho?

594 OLGA – É o doutor. Está bêbado.

595 IRINA – Que noite agitada! (*Pausa.*) Olga! (*Assoma a cabeça no biombo.*) Você ouviu? A brigada vai embora daqui – será transferida para outro lugar.

596 OLGA – São apenas rumores.

597 IRINA – Ficaremos sozinhas então... Olga!

598 OLGA – O que é?

599 IRINA – Minha querida, minha flor, eu respeito e estimo o barão, ele é uma excelente pessoa. Caso-me com ele, não me importa, mas vamos para Moscou! Suplico-lhe, viajemos. Nada no mundo se iguala a Moscou! Vamos para lá, Olga! Vamos para lá!

Cortina.

Quarto ato

O velho jardim dos Prozorov. Uma longa alameda de abetos em cuja extremidade se divisa o rio. Do outro lado do rio, um bosque. À direita, o terraço da casa, onde há garrafas e taças sobre a mesa, indicando que se acabou de tomar champagne. É meio-dia. Vindos da rua, de quando em quando transeuntes se dirigem apressados rumo ao rio; cinco soldados cruzam o palco a passos rápidos. Tchebutikín, de excelente humor – que não o abandonará durante todo o ato – está sentado numa cadeira de braços no jardim, à espera de que o convidem; está de quepe e com um bastão. No terraço estão Irina, Kuliguin, que raspou o bigode e ostenta no peito uma condecoração, e Tuzenbach; os três se despedem de Fedotik e de Rode, que descem pela escadaria. Os dois oficiais vestem uniforme de campanha.

- 600 TUZENBACH (*troca beijos com Fedotik*) – Você é um bom sujeito, sempre gostei de você... (*Beija Rode.*) Mais uma vez, adeus, garotão...
- 601 IRINA – Até a vista!
- 602 FEDOTIK – Até a vista, não... Adeus para sempre. Nunca mais nos veremos.
- 603 KULIGUIN – Quem sabe? (*Enxuga os olhos sorrindo.*) Olhe, eu também já estou chorando.
- 604 IRINA – Talvez ainda nos encontremos.
- 605 FEDOTIK – Daqui a dez ou quinze anos, mas então mal nos reconheceremos, e nos saudaremos com frieza. (*Tira uma foto.*) Quietos. Mais uma última.
- 606 RODE (*abraça Tuzenbach*) – Não nos veremos mais!... (*Beija a mão de Irina.*) Obrigado por tudo, por tudo, mesmo!
- 607 FEDOTIK (*aborrecido*) – Espere!
- 608 TUZENBACH – Se Deus quiser, nos encontraremos. Mas escrevam, não deixem de escrever.
- 609 RODE (*observa o jardim*) – Adeus, árvores! (*Grita.*) Ohôoo! (*Pausa.*) Adeus a você também, eco, adeus!
- 610 KULIGUIN – Quem sabe vocês acabarão se casando lá na Polônia. As mulheres polonesas lhes dirão ao abraçá-la: “Kokhane!” (*Ri.*)
- 611 FEDOTIK (*consulta o relógio*) – Mal nos resta uma hora. De toda a bateria, apenas Solionii vai de navio, nós iremos com a nossa unidade. Hoje partirão três unidades, amanhã mais três – a cidade ficará silenciosa, muito silenciosa e tranqüila.
- 612 TUZENBACH – E terrivelmente monótona.
- 613 RODE – Onde está Maria Serguêievna?
- 614 KULIGUIN – A minha Macha está no jardim.
- 615 FEDOTIK – Gostaria de me despedir dela.
- 616 RODE – Adeus, vamos embora, senão eu acabo chorando... (*Dá um rápido abraço em Tuzenbach e em Kuliguin, beija a mão de Irina.*) Como fomos felizes aqui!

- 617 FEDOTIK (*a Kuliguin*) – Isto é para o senhor, como recordação. É uma caderneta. Com lápis. Daqui iremos ao rio... (*Partem; ambos olham para trás.*)
- 618 RODE (*a plenos pulmões*) – Ohôo!
- 619 KULIGUIN (*grita*) – Adeus!
- No fundo da cena Macha se encontra com Fedotik e Rode; despedem-se e Macha sai junto com eles.*
- 620 IRINA – Pronto, se foram... (*Senta-se no degrau mais baixo da escadaria.*)
- 621 TCHEBUTIKIN – Esqueceram-se de se despedir de mim.
- 622 IRINA – E o senhor?
- 623 TCHEBUTIKIN – Na verdade eu também esqueci. Mas logo os verei de novo, pois viajo amanhã. Sim... Ainda me resta um dia. Daqui a um ano me aposento, e então voltarei aqui, e passarei os últimos anos da minha vida junto de vocês. Mais um ano e me aposento. (*Guarda o jornal no bolso e puxa outro.*) Voltarei para cá, para junto de vocês, e começarei uma vida nova. Serei um homem tranqüilo, brando e muito generoso...
- 624 IRINA – Sim, querido doutor, tem de mudar de vida, de algum modo...
- 625 TCHEBUTIKIN – Sim, eu também sinto isso. (*Cantarola baixinho uma canção de pândegos.*) “Tarara-tchin-bum. Agarrei-me num poste...”
- 626 KULIGUIN – Esse nosso Ivan Romanitch é mesmo um pícaro incorrigível! Um pícaro incorrigível!
- 627 TCHEBUTIKIN – Oh, se frequentasse a sua escola, logo me corrigiria.
- 628 IRINA – Fiodor tirou o bigode. Não consigo olhar para ele!
- 629 KULIGUIN – Mas por que não?
- 630 TCHEBUTIKIN – Eu poderia dizer-lhe com o que a sua cara se parece agora, mas prefiro me calar.
- 631 KULIGUIN – E o que isso tem de demais? Assim se faz, é o *modus vivendi*. O senhor diretor não usa bigode, pois então eu também tirei o meu ao tornar-me inspetor. Ninguém gosta, mas não me importo. Estou feliz. Com bigode ou sem bigode, eu estou feliz... (*Senta-se.*)
- No fundo Andrei empurra um carrinho onde dorme o bebê.*
- 632 IRINA – Querido Ivan Romanitch, estou muito preocupada. O senhor estava ontem na praça; conte-me o que aconteceu.
- 633 TCHEBUTIKIN – O que aconteceu? Nada. Bobagem. (*Lê o jornal.*) Nada de importante!
- 634 KULIGUIN – Dizem que Solionii e o barão se encontraram defronte ao teatro e...
- 635 TUZENBACH – Pare! Para que falar disso? (*Faz um gesto impaciente e entra na casa.*)
- 636 KULIGUIN – Defronte ao teatro... Solionii provocou o barão, o barão perdeu a calma e disse-lhe algo ofensivo...
- 637 TCHEBUTIKIN – Eu não sei de nada. Tudo isso é disparate.
- 638 KULIGUIN – Conta-se que certa vez o professor anotou no trabalho de um aluno a palavra “disparate” e o aluno leu “dispercit” – pensou que fosse alguma palavra latina (*Ri.*) É

muito engraçado. Dizem que Solionii está apaixonado por Irina e por isso odeia o barão. O que é compreensível. Irina é uma moça muito bonita. Parece-se com Macha, perde-se igualmente em reflexões. Só que você, Irina, é mais suave. Isso na verdade não significa que Macha não tenha também um bom caráter. Eu amo Macha.

Do fundo do jardim, atrás do palco: “Obóoo!”

639 IRINA (*estremecendo-se*) – Hoje tudo me assusta. (*Pausa.*) Já está tudo preparado; de tarde despacharei as bagagens. Caso-me com o barão amanhã e amanhã mesmo viajaremos até a olaria; depois de amanhã já estarei dando aulas, uma vida nova começará. Que Deus me ajude! Quando obtive o diploma de professora chorei de alegria, de emoção... (*Pausa.*) Daqui a pouco chega o carroceiro para buscar as coisas.

640 KULIGUIN – Tudo isso é bonito, mas não muito sério. Apenas idéias, sem muita seriedade. De qualquer modo, desejo-lhe boa sorte, do fundo do coração.

641 TCHEBUTIKIN (*emocionado*) – Minha boa menina, minha querida... Foi para longe, já não alcanço mais; fiquei para trás, como esses pássaros migrantes que envelheceram e não podem mais voar. Voem, meus queridos, voem. Que Deus os acompanhe! (*Pausa.*) Fiodor Illitch, o senhor tirou o bigode à-toa.

642 KULIGUIN – Ora, deixe disso! (*Suspira*) Os soldados vão embora hoje e tudo voltará a ser como antes. Digam o que quiserem, Macha é uma mulher decente; eu a amo muito, e dou graças ao destino. O destino das pessoas é diverso... Na coletoria trabalha um certo Kozirev. Fomos colegas no ginásio e na quinta série ele foi expulso, pois era incapaz de aprender o que era *ut consecutivum*. Agora ele vive na miséria, está doente, e quando nos encontramos sempre o cumprimento assim: “Olá, *ut consecutivum!*” “É isso mesmo”, ele diz, “*consecutivum...*” e tosse... Para mim, entretanto, a sorte sorriu a vida inteira. Sou feliz, fui até agraciado com o segundo grau da ordem de Stanislav, e ensino aos outros o *ut consecutivum*. Naturalmente, sou também um homem inteligente, mais inteligente que muitos outros, mas a felicidade não reside nisso.

Dentro da casa ouve-se alguém tocar ao piano a Oração da Virgem.

643 IRINA – E amanhã à noite não mais ouvirei a Oração da Virgem, não mais encontrarei esse Protopopov. (*Pausa.*) Está sentado lá na sala. Veio hoje também...

644 KULIGUIN – A nossa diretoria não está aqui?

645 IRINA – Não está, mas já mandei chamá-la. Ai, se soubessem como a vida é difícil sem a Olga aqui. Esse cardo de diretora do ginásio a ocupa o dia todo; e eu fico sozinha, sem nada para fazer, me entedio, e odeio o quarto onde moro... Mas me resignei; se não vou para Moscou, decerto esse é o meu destino. O que posso fazer? É a vontade de Deus... Pois é... Nikolai Lvovitch pediu-me em casamento... E agora? Eu refleti muito e me decidi. Ele é um bom homem, espantosamente bom... E de repente senti minha alma criar asas, a alegria me invadindo, o coração está mais leve, e recobrei a vontade de trabalhar... Mas ontem aconteceu alguma coisa. Algum segredo paira sobre mim agora.

646 TCHEBUTIKIN – Bobagem.

647 NATACHA (*da janela*) – A diretoria chegou!

648 KULIGUIN – A diretoria chegou! Então vamos entrar! (*Entra na casa junto com Irina.*)

649 TCHEBUTIKIN (*lê o jornal e cantarola baixinho*) – “Tarara-tchim-bim... Agarrei-me num poste...”

Macha se aproxima dele; no fundo Andrei empurra o carrinho de bebê.

650 MACHA – O senhor aqui, sentadinho...

651 TCHEBUTIKIN – E o que tem isso?

652 MACHA (*senta-se*) – Nada... (*Pausa.*) Amava a minha mãe?

653 TCHEBUTIKIN – Muito.

654 MACHA – E ela o amava também?

655 TCHEBUTIKIN (*depois de uma pausa*) – Já não me lembro disso.

656 MACHA – O “meu” está aqui? Era assim que Marfa, a cozinheira, chamava antigamente o seu policial, o “meu”. O “meu” está aqui?

657 TCHEBUTIKIN – Ainda não chegou.

658 MACHA – Quando alguém recebe a felicidade de longe em longe, aos pouquinhos, depois a perde, como eu, acaba se tornando duro e amargo. (*Aponta para o coração.*) Aqui dentro ferve algo... (*Olha o irmão, Andrei, que empurra o carrinho de bebê.*) Veja o Andrei, nosso irmão. Todas as nossas esperanças foram em vão. Milhares e milhares de homens se empenharam para levantar um sino, gastou-se muito esforço e dinheiro, e então o sino de repente despencou e rachou. Sem mais nem menos. Pois esse é o caso de Andrei...

659 ANDREI – Quando é que finalmente a tranqüilidade voltará a reinar nesta casa? Quanto barulho!

660 TCHEBUTIKIN – Logo, logo. (*Consulta o relógio.*) Tenho um relógio à moda antiga; ele bate as horas... (*Dá corda no relógio, que então dá batidas.*) A primeira, a segunda e a quinta baterias sairão a uma em ponto. (*Pausa.*) E eu, amanhã.

661 ANDREI – Para sempre?

662 TCHEBUTIKIN – Não sei. Talvez volte dentro de um ano. Sabe lá o diabo... Tanto faz...

De longe chega o som de uma harpa e um violino.

663 ANDREI – A cidade vai ficar vazia. Como se a cobrissem com uma enorme redoma de vidro. (*Pausa.*) Ontem aconteceu algo diante do teatro. Todos estão comentando, só eu não sei de nada.

664 TCHEBUTIKIN – Não aconteceu nada... Bobagem. De novo Solionii provocou o barão, que perdeu a calma e o ofendeu. Então Solionii teve de desafiá-lo para um duelo... (*Consulta o relógio.*) Já tenho de ir... Ao meio-dia e meio no bosque estadual, daqui dá para ver... do outro lado do rio... pif-paf. (*Ri.*) Solionii imagina que é Lermontov, faz até versos! Brincadeiras à parte, esse já é o seu terceiro duelo.

665 MACHA – De quem?

666 TCHEBUTIKIN – De Solionii.

667 MACHA – E o barão?

668 TCHEBUTIKIN – Que barão?

Pausa.

669 MACHA – Tudo está confuso na minha cabeça... Eu quis dizer que isso não devia ser permitido. Pois ele poderá ferir o barão, ou talvez até matá-lo.

670 TCHEBUTIKIN – O barão é uma boa pessoa, mas um barão a mais, um barão a menos... tanto faz! Deixem!... Tanto faz!

(De longe ouve-se um grito: “Ei!”)

671 TCHEBUTIKIN – Não tenha tanta pressa. É Skvortzov, o padrinho. Já está sentado no barco.

Pausa.

672 ANDREI – Na minha opinião, participar de um duelo ou apenas comparecer, mesmo que seja na qualidade de médico, é simplesmente imoral.

673 TCHEBUTIKIN – É só aparência. Nós nem existimos, nada no mundo existe, apenas parece existir... Tanto faz como tanto fez!

674 MACHA – O dia inteiro é assim... Só dizendo essas coisas... *(Começa a andar.)* Ter de viver num clima desses, temendo que no minuto seguinte comece a nevar, e ainda por cima ouvindo essas conversas... *(Detém-se.)* Não vou entrar na casa, não posso... Se Verchinin chegar, me avisem. *(Dirige-se para a alameda.)* E os pássaros migrantes já estão seguindo para o sul. *(Olha para o céu.)* São cisnes ou gansos? Oh, queridos, vocês são felizardos... *(Sai.)*

675 ANDREI – A casa ficará vazia, os oficiais viajarão, o senhor viajará, minha irmã vai se casar e eu ficarei sozinho na casa.

676 TCHEBUTIKIN – E sua esposa?

Entra Ferapont com cartas para assinar.

677 ANDREI – A esposa é a esposa. Ela é uma mulher boa, honrada, bastante decente, mas algo nela a torna mesquinha, miúda e cega, algo animalesco. Não, ela não é humana. Digo-lhe isso como a um amigo, a única pessoa a quem posso abrir o coração. Amo Natacha, sim, amo-a, mas às vezes acho que ela é assombrosamente vulgar, e então fico desconcertado, não compreendo para que e por que a amo, ou pelo menos a amei algum dia...

678 TCHEBUTIKIN *(levanta-se)* – Eu, amiguinho, viajarei amanhã; talvez não nos vejamos mais, assim dou-lhe um bom conselho. Sabe de uma coisa? Pegue o seu chapéu, a bengala, e vá embora. Vá andando, andando, sem olhar para trás. E quanto mais longe você for, melhor será.

Ao fundo passa Solionii acompanhado de dois oficiais; ao ver Tchebutikin, aproxima-se dele. Os oficiais seguem andando.

679 SOLIONII – Doutorzinho, está na hora, já é meio-dia e meio. *(Solionii e Andrei se cumprimentam)*

680 TCHEBUTIKIN – Já vou. Como todos me entendiam! *(A Andrei.)* Se me procurarem, Andriuchka, diga que voltarei logo. *(Suspira.)* Ai, ai...

681 SOLIONII – “Volta-se e estarecido só diz ‘ai’: era um urso que o seguia...” *(Acompanha-o.)* Por que suspira, velho?

682 TCHEBUTIKIN – Ora!

683 SOLIONII – Como vai a saúde?

- 684 TCHEBUTIKIN (*ranzinza*) – Não é da sua conta!
- 685 SOLIONII – Não precisa temer, velho. Não vou maltratá-lo, apenas matá-lo como a uma perdiz. (*Tira do bolso o vidrinho de perfume e rega as mãos.*) Derrubei quase o vidro inteiro nas mãos e elas continuam fedendo. Cheiram a defunto... (*Pausa.*) Sim... Recorda estes versos de Lermontov?... “E o rebelde busca a tormenta. Como se lá residisse a paz...”
- 686 TCHEBUTIKIN – Sim... “E volta-se e estarecido só diz ‘ai’: era um urso que o seguia...” (*Saem os dois.*)
Ouve-se um grito “Ei!”. Entram Andrei e Ferapont.
- 687 FERAPONT – Tem de assinar estes papéis...
- 688 ANDREI – Deixe-me em paz! Deixe-me! Suplico-lhe! (*Sai com o carrinho de bebê.*)
- 689 FERAPONT – O papel existe para ser assinado. (*Vai para os fundos da cena.*)
Entram Irina e Tuzenbach; este usa um chapéu de palha. Kuligin atravessa a cena e grita: “Oi Macha, oi!”
- 690 TUZENBACH – Acho que ele é a única pessoa na cidade que está feliz porque os soldados vão embora.
- 691 IRINA – É compreensível. (*Pausa.*) A cidade ficará às moscas.
- 692 TUZENBACH – Minha querida, voltarei logo.
- 693 IRINA – Aonde você vai?
- 694 TUZENBACH – Tenho de ir à cidade... Acompanhar os camaradas...
- 695 IRINA – Isso não é verdade... Nikolai, por que você está tão perturbado hoje? (*Pausa.*) O que aconteceu ontem diante do teatro?
- 696 TUZENBACH (*com um gesto impaciente*) – Daqui a uma hora estou de volta, para ficar de novo com você. (*Beija-lhe a mão.*) Meu amor... me acostumei com isso, e você a cada dia está mais bonita. Como os seus cabelos são maravilhosos, divinos! E os olhos! Amanhã viajaremos, vamos trabalhar, enriqueceremos, e os meus sonhos se tornarão realidade. Você será feliz. Só há um problema: você não me ama!
- 697 IRINA – Isso não depende de mim! Serei sua mulher fiel e obediente, mas não estou apaixonada, e não tenho culpa disso! (*Chora.*) Nunca na vida me apaixonei. Apenas sonhava com o amor, sonho há muito tempo, dia e noite, mas meu coração é como um piano caro que está trancado e cuja chave se perdeu. (*Pausa.*) Como você está inquieto.
- 698 TUZENBACH – Passei a noite em claro. Em minha vida nada há de terrível, de preocupante, apenas essa chave perdida me atormenta a alma. É isso que me impede de pegar no sono. Diga-me algo... (*Pausa.*) Diga-me algo...
- 699 IRINA – O que quer que eu lhe diga?
- 700 TUZENBACH – Qualquer coisa.
- 701 IRINA – Chega! Chega!
Pausa.

702 TUZENBACH – Na vida às vezes coisas à toa, coisas insignificantes sem mais nem menos adquirem importância. Rimos delas, como sempre fizemos, considerando-as idiotices, e no entanto, continuamos a andar e sentimos como se estivéssemos sem forças para parar. Oh, não vamos falar disso! Estou alegre! Como se visse esses pinheiros, carvalhos e bétulas pela primeira vez. Tudo me olha com curiosidade e expectativa. Como essas árvores são bonitas, e como seria maravilhoso viver junto delas.

(Grito: “Ei!”)

703 TUZENBACH – Tenho de ir; está na hora... veja: esta árvore secou e no entanto ondula ao vento, seguindo as outras... Tenho a impressão de que mesmo se morresse continuaria a participar da vida de alguma maneira. Adeus, querida!... *(Beija-lhe as mãos.)* Os papéis que me entregou estão sobre a mesa, debaixo do calendário.

704 IRINA – Vou com você.

705 TUZENBACH *(alarmado)* – Não, de modo algum. *(Sai apressado, pára na alameda.)* Irina!

706 IRINA – O quê?

707 TUZENBACH *(não encontra o que dizer)* – Sabe, hoje eu nem tomei café... Peça para me prepararem um. *(Sai rapidamente.)*

Irina permanece parada, pensativa, depois se dirige ao fundo da cena e senta-se no balanço. Entra Andrei com um carrinho de bebê. Aparece Ferapont.

708 FERAPONT – Andrei Serguêievitch... Estes documentos não são meus, pertencem à repartição. Não fui eu que os inventei.

709 ANDREI – Oh, onde está o passado, quando eu ainda era jovem, alegre e inteligente? Quando pensamentos e sonhos nobres me guiavam e a minha esperança iluminava o presente e o futuro? Por que será que mal começamos a vida e já nos tornamos enfadonhos, cinzentos, sem interesse, preguiçosos, indiferentes, imprestáveis, infelizes... A nossa cidade tem já duzentos anos, conta cem mil habitantes, mas não há um único ser que não se assemelhe aos demais, nunca houve um único herói, no passado e nem no presente, não há nenhum sábio, um único artista sequer, não há uma só pessoa merecedora de um mínimo de atenção, capaz de despertar a inveja ou um desejo apaixonado de imitá-la... Elas se limitam apenas a comer, beber, dormir... depois morrem... Nascem outras, que também comem, bebem, dormem, e para impedir que o tédio as destrua diversificam a vida dedicando-se a mexericos venenosos, à vodca, às cartas e aos processos litigiosos, as esposas traem o marido e os maridos mentem, fingem não ver nem ouvir nada, e esse ambiente vulgar arruina as crianças; a centelha divina se apaga e elas se convertem em cadáveres miseráveis, semelhantes entre si, como foram seus pais. *(A Ferapont, irritado.)* Que diabo você quer?

710 FERAPONT – O quê? São papéis; tem de assiná-los.

711 ANDREI – Estou farto de você.

712 FERAPONT *(entrega-lhe os papéis)* – O porteiro da Secretaria de Finanças me disse agora mesmo que no inverno em São Petersburgo fez duzentos graus abaixo de zero.

713 ANDREI – O presente é repugnante, mas apesar disso quando penso no futuro tudo se transforma! Fica tudo tão leve, tão espaçoso; se ao longe rompe uma luz, vejo a

- liberdade, vejo a mim e a meus filhos nos livrarmos do ócio, do *kevas*, do ganso e do repolho, da sesta, da abjeta falta do que fazer...
- 714 FERAPONT – Ele diz que ficaram congeladas mais de duzentas pessoas. O povo morria de medo... Foi em São Petersburgo ou em Moscou, já não sei mais...
- 715 ANDREI (*comove-se*) – Oh, minhas irmãs queridas, minhas irmãs encantadoras... (*Com lágrimas nos olhos.*) Macha, minha irmãzinha querida.
- 716 NATACHA (*da janela*) – Quem está falando tão alto? É você, Andrei? Você vai acordar Sofotchka. *Il ne faut pas faire du bruit, la Sophie est dormée déjà. Vous êtes un ours.* (*Irritada.*) Se quiser gritar, passe o carrinho para alguém. Ferapont, tome o carrinho do patrão!
- 717 ANDREI (*desconcertado*) – Estou falando baixinho.
- 718 NATACHA (*da janela, acariciando o filbo*) – Bobik! Seu malandrinho! Seu desaforado!
- 719 ANDREI (*folheia os documentos*) – Está bem, vou revisá-los, assiná-los e depois você pode vir buscá-los. (*Entra na casa folheando os papéis; Ferapont se dirige ao fundo, empurrando o carrinho.*)
- 720 NATACHA (*na janela*) – Bobik, diga mamãe! Queridinho! E esta, quem é? É a tia Olga! Diga: “Alô, tia!”
- Entram dois músicos ambulantes, um homem e uma moça; tocam violino e harpa. Saem da casa Verchinin, Olga e Anfissa; por um minuto escutam-nos em silêncio; Irina junta-se a eles.*
- 721 OLGA – Nosso jardim parece uma estrada, todos passam por aqui. Babá, dê algo a esses músicos.
- 722 ANFISSA (*dá-lhes dinheiro*) – Deus os abençoe, pobrezinhos. (*A dupla de músicos agradece e sai.*) Gente triste, não fazem isso por diversão. (*A Irina.*) Bom dia, Aricha! (*Beija-a.*) Oh, minha criança, você não imagina a boa vida que eu estou levando! No ginásio, num apartamento do estado, junto com Olia. Deus cuidou de mim na velhice. Eu, pobre, pecadora, nunca vivi assim... É um apartamento grande, do estado, e eu tenho um quarto inteiro para mim, e cama. Tudo é do estado. Acordo no meio da noite e – oh, Virgem Santíssima, não há no mundo pessoa mais feliz que eu!
- 723 VERCHININ (*consulta o relógio*) – Logo partiremos, Olga Serguêievna. Tenho de ir. (*Pausa.*) Desejo-lhe tudo... tudo... Onde está Maria Serguêievna?
- 724 IRINA – Está no jardim... Vou buscá-la.
- 725 VERCHININ – Por favor. Estou com pressa.
- 726 ANFISSA – Eu vou procurá-la também. (*Grita.*) Machenka! (*Dirige-se ao jardim acompanhando Irina.*) Óoo!
- 727 VERCHININ – Tudo tem seu fim. Agora vamos às despedidas. (*Consulta o relógio.*) A cidade nos ofereceu um lanche, tomamos champagne também, e o prefeito falou. Eu comia e ouvia em silêncio, mas a minha alma estava aqui, entre vocês. (*Passa os olhos pelo jardim.*) Acostumei-me muito a esta casa.
- 728 OLGA – Voltaremos a nos ver um dia?
- 729 VERCHININ – Provavelmente não. (*Pausa.*) Minha esposa e minhas duas filhas ainda permanecerão aqui por mais uns dois meses. Peço-lhe que se acontecer alguma coisa, ou se elas precisarem...

- 730 OLGA – É claro. Pode ficar tranqüilo. *(Pausa.)* Amanhã não restará um único soldado na cidade, tudo se transformará em lembrança, e para nós, naturalmente, começará uma vida nova... *(Pausa.)* nem tudo acontece como nós gostaríamos. Não quis ser diretora, no entanto acabei sendo. E certamente não irei a Moscou...
- 731 VERCHININ – Bem... Agradeço por tudo... Perdoe-me se porventura algo... Falei muito... demasiado... me perdoe por isso, e não me queira mal.
- 732 OLGA *(enxuga os olhos)* – Onde está Macha?
- 733 VERCHININ – Que mais posso dizer como despedida? Filosofar sobre o quê? *(Ri.)* A vida é difícil. A muitos parece ser sem sentido, mas devemos reconhecer que a cada dia ela se torna mais clara e leve, e parece não estar muito longe o momento em que ela se tornará totalmente clara. *(Consulta o relógio.)* Tenho de ir, está na hora. Antes a humanidade vivia em função das guerras, toda a sua existência era ocupada com marchas, assaltos, vitórias. Agora que isso acabou, ficou um enorme espaço vazio que ainda não sabemos como preencher; a humanidade busca com ardor, e naturalmente encontrará aquilo que procura. Oh, que seja o quanto antes! *(Pausa.)* Sabe, se a dedicação ao trabalho se juntar à cultura, e se a cultura se juntar à dedicação ao trabalho... *(Consulta o relógio.)* Porém já está na hora...
- 734 OLGA – Ela já está chegando.
Entra Macha.
- 735 VERCHININ – Vim me despedir. *(Olga se afasta um pouco para não atrapalhar a despedida.)*
- 736 MACHA *(olha-o no rosto)* – Adeus... *(Longo beijo.)*
- 737 OLGA – Já chega...
Macha soluça convulsivamente.
- 738 VERCHININ – Escreva-me... Não se esqueça de mim... Deixe-me... tenho de ir... Olga Serguêievna, leva-a daqui, eu já... tenho de ir... estou atrasado... *(Beija, comovido, as mãos de Olga, abraça Macha mais uma vez e sai rapidamente.)*
- 739 OLGA – Não chore, Macha, não chore... querida...
Entra Kuliguin.
- 740 KULIGUIN *(embaraçado)* – Deixe-a chorar... Deixe... Minha boa e querida Macha, você é minha mulher e eu estou feliz apesar de tudo... Não me queixo e nem lhe farei recriminações... Olga é testemunha... Recomeçaremos a nossa vidinha de antigamente e não lhe direi uma única palavra, não farei a menor alusão, nunca...
- 741 MACHA *(reprime os soluços)* – “À beira-mar há um carvalho... uma corrente de ouro pende de seus galhos... uma corrente de ouro pende de seus galhos...” Vou enlouquecer! “À beira-mar... há... um... carvalho...”
- 742 OLGA – Acalme-se, Macha... Acalme-se... Dê-lhe água!
- 743 MACHA – Já não choro.
- 744 KULIGUIN – Ela já não chora. É uma boa mulher.
Um tiro ao longe.

745 MACHA – “À beira-mar há um carvalho... uma corrente de ouro pende de seus galhos... À beira-mar a corrente de ouro... o carvalho...” Estou louca!... *(Bebe água.)* Ai, que vida infeliz é a minha... Já não quero mais nada... Logo me acalmarei... Tanto faz... Por que esses versos me atormentam? Meus pensamentos se confundem...

Entra Irina.

746 OLGA – Acalme-se, Macha... Assim... Agora você está sendo inteligente... Vamos para o quarto.

747 MACHA *(irada)* – Não vou entrar. *(Soluça, mas se contém na mesma hora.)* Não entrarei mais nesta casa.

748 IRINA – Vamos sentar, e pelo menos fiquemos em silêncio juntas, pois amanhã eu viajo...

Pausa.

749 KULIGUIN – Ontem tomei de um aluno malcomportado de terceira série esta barba e estes bigodes. *(Coloca-os no rosto.)* Pareço o professor de alemão. *(Ri.)* Como são malandros esses alunos, não é mesmo?

750 MACHA – Olhe só, não é que parece mesmo com o professor de alemão?

751 OLGA *(ri)* – Sem tirar nem pôr.

Macha chora.

752 IRINA – Não chore, Macha.

753 KULIGUIN – Igualzinho.

Entra Natacha.

754 NATACHA *(à criada)* – Entendeu? O senhor Protopopov ficará com Sofotchka e Andrei Serguêievitch irá levar Bobik para passear. Quanto aborrecimento causa uma criança... *(A Irina)* Irina... Você viaja amanhã, que pena! Fique pelo menos uma semana. *(Repara em Kuliguin e solta um grito; este ri e tira o bigode e a barba.)* Ai, como me assustou! *(A Irina.)* Acostumei-me com você e não me será fácil a separação. Colocarei Andrei no seu quarto, lá ele poderá tocar violino à vontade. E o quarto dele será de Sofotchka. É uma menina encantadora. Ela me olhou hoje com aqueles olhinhos e disse: mamãe!

755 KULIGUIN – De fato, é uma ótima criança.

756 NATACHA – Então amanhã estarei sozinha aqui. *(Suspira.)* Antes de mais nada mandarei cortar os abetos da alameda, depois esse álamo aqui... À noite são tão feios... *(A Irina.)* Querida, esse cinto não lhe fica bem. É simplesmente de mau gosto. Devia usar algo mais claro. E aqui plantarei flores por toda parte, flores bonitas e perfumadas. *(Em tom severo.)* Quem deixou esse garfo aqui no banco... pergunto eu? *(Entra na casa; à criada.)* O que faz o garfo no banco? *(Grita.)* Cale a boca!

757 KULIGUIN – Já começou!

Da rua chega o som de uma banda militar. Todos ficam escutando.

758 OLGA – Estão indo embora.

Entra Tchebutikin.

- 759 MACHA – Os nossos vão embora. O que se pode fazer... Boa viagem! *(Ao marido.)* Vamos para casa... Onde está o meu chapéu e o casaco?
- 760 KULIGUIN – Levei-os para dentro da casa... Já lhe trago.
- 761 OLGA – Sim, já está na hora de ir para casa.
- 762 TCHEBUTIKIN – Olga Serguêievna!
- 763 OLGA – O que é? *(Pausa.)* O que é?
- 764 TCHEBUTIKIN – Não é nada... Não sei como dizer... *(Segreda-lhe algo no ouvido.)*
- 765 OLGA *(aterrorizada)* – Não é possível!
- 766 TCHEBUTIKIN – É isso... Uma história idiota... Estou cansado e enojado e não quero dizer mais nada. *(Zangado.)* Mesmo porque tanto faz.
- 767 MACHA – O que aconteceu?
- 768 OLGA *(abraça Irina)* – Que dia terrível, hoje. Não sei como lhe dizer, querida...
- 769 IRINA – O que é? Digam-me depressa: o que aconteceu? Santo Deus! *(Desata a chorar.)*
- 770 TCHEBUTIKIN – O barão acaba de morrer num duelo.
- 771 IRINA *(chora baixinho)* – Eu sabia, eu sabia...
- 772 TCHEBUTIKIN *(senta-se num banco no fundo)* – Estou cansado... *(Retira do bolso um jornal.)* Que chore... *(Cantarola em voz baixa.)* Trarará-tchim-bum... Além do mais, tanto faz!
- As três irmãs, de pé, abraçam-se.*
- 773 MACHA – Oh, como soa a música! Eles vão embora, um já se foi completamente... Completamente e para sempre. E nós ficaremos sozinhas, e recomeçaremos a vida. É preciso viver... É preciso viver...
- 774 IRINA *(inclina a cabeça sobre o peito de Olga)* – Chegará o dia em que todos saberemos o porquê de tudo isso, por que todo esse sofrimento, e então não haverá mais mistério... Porém, até então temos de viver e trabalhar. Trabalhar sempre! Amanhã viajarei sozinha... irei à escola, ensinarei e dedicarei a vida àqueles que talvez precisem dela. Estamos no outono; logo chegará o inverno, a neve cobrirá tudo, e eu seguirei trabalhando, trabalhando sempre...
- 775 OLGA *(abraça as duas irmãs)* – A música está tão alegre, tão animada, me dá uma vontade imensa de viver! Ai meu Deus! O tempo vai passando, nós partiremos, e seremos esquecidos para sempre. Esquecerão nosso rosto, nossa voz e também quantos éramos, porém o nosso sofrimento se transformará em alegria para aqueles que virão depois de nós, a felicidade e a paz reinarão sobre a terra, e as pessoas se lembrarão com gratidão daqueles que vivem agora, e os abençoarão. Oh, queridas irmãzinhas, a nossa vida ainda não chegou ao fim. Viveremos! A música soa tão alegre, tão cheia de felicidade! E parece-me que logo saberemos por que vivemos, por que sofremos... Ai, se soubéssemos por quê, se soubéssemos por quê!...
- A música vai diminuindo cada vez mais. Kuliguin, sorridente e alegre, traz o chapéu e o casaco. Andrei empurra o carrinho de bebê onde Bobik está sentado.*

- 776 TCHEBUTIKIN (*canta à meia voz*) – “Tarara-tchim-bum.... agarrei-me num poste...” (*Lê um jornal*)
Tanto faz! Tanto faz!
- 777 OLGA – Se soubéssemos, por quê, se soubéssemos por quê!

Cortina.